



A família lexical de *usura*: um estudo etimológico e morfossemântico

The lexical family of usura: an etymological and morphosemantic study

Matheus Pinto

Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, Bahia / Brasil

matheus.machadopinto@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-4097-9570>

Mailson Lopes

Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, Bahia / Brasil

mailson.lopes@ufba.br

<https://orcid.org/0000-0003-3926-0494>

Resumo: O estudo ora apresentado presta-se a descrever a trajetória da família lexical de *usura* (constituída pelas formas *usura*, *usurar*, *usurário*, *usureiro*, *usurável*, *usurento*, *usuroso*, *usurador*, *zura*, *zuraco* e *usurariamente*) no percurso histórico da língua portuguesa. Para a constituição de seu *corpus* de análise e como embasamento para a explicação dos processos de empréstimo e neologia em abordagem histórico-diacrônica e histórico-comparativa, fincou-se na integração de dados dialetais e de publicações da *web* com uma grande variedade de bancos de dados em diversas línguas românicas e em inglês. Faz o exame etimológico desse grupo vocabular pela análise gradual das transformações semânticas e morfológicas de cada unidade que o constitui, fornecendo evidência textual dos fenômenos discutidos. Definindo-se em um eixo interfacial entre Morfologia, Semântica e Léxico, o trabalho incorpora ao quadro descritivo resultante considerações sobre formação de palavras, sinonímia corradical, sinmorfismo e variação e mudança morfolexicais.

Palavras-chave: família lexical; etimologia; morfologia histórica; semântica histórica.

Abstract: This study is dedicated to describing the historical development of the word family of *usura* (which is constituted by *usura*, *usurar*, *usurário*, *usureiro*, *usurável*, *usurento*, *usuroso*, *usurador*, *zura*, *zuraco* e *usurariamente*) in the Portuguese language. It takes as a basis for its diachronic and comparative approach the integration of dialectal data and online posts with a variety of other data sources in several Romance languages and in the English language. These sources constitute its *corpus* and the foundation which underpins the elucidation of borrowing and neology processes. It examines the etymology of this lexical family via the gradual analysis of semantic and morphological changes in each word, which is supported by textual evidence for such phenomena. Being defined from an interfacial standpoint to Morphology, Semantics, and the Lexicon, it incorporates into the resultant etymological description the discussion of themes such as word formation, the synonymy of co-radical words, affix synonymy, and morpho-lexical variation and change.

Keywords: lexical family; etymology; historical morphology; historical semantics.

Recebido em 07 de setembro de 2020

Aceito em 14 de janeiro de 2021

1 Introdução

Volta-se este artigo à constituição da família lexical de *usura* no percurso histórico da língua portuguesa, norteado pelo intento de sumarizar algumas considerações e informações sobre a sua composição e as suas origens, bem como as transformações formais e semânticas que incidiram sobre seus elementos constituintes. Embora centrado no desenvolvimento de tal paradigma léxico no vernáculo, vale-se também de dados de outras línguas com as quais o português estabeleceu ou estabelece contatos, de caráter diverso; daí ser possível sustentar que este estudo se apoia também no cotejo entre línguas em seu fluxo histórico: em outras palavras, no método histórico-comparativo. Definindo-se nesse eixo, da Linguística Histórica e da Etimologia, o trabalho ora ensaiado se funda na integração de dados dialetológicos com o estudo etimológico e morfossemântico e se justifica pela consideração do que está ausente nos dicionários ditos “representativos” e na necessidade do estudo histórico-diacrônico para o desvelamento da língua em seu estado atual.

Trata-se de um estudo descritivo, uma primeira aproximação à constituição paradigmática da família léxica de *usura* no fluxo histórico da língua portuguesa (o que parece gozar de certo ineditismo), chegando-

se à sua feição e arquitetura na hodiernidade. Para tanto, considerou-se um rol de aportes do âmbito da morfologia lexical, da etimologia e da lexicologia e semântica históricas para a fundamentação teórica do estudo. Como hipótese inicial (que se viu confirmada), tinha-se o entendimento de que tal família de palavras seria quantitativamente modesta (com poucas lexias), embora possuidora de uma rica morfologia derivacional e de um relevante espectro polissêmico.

Uma etimologia é aqui compreendida nos termos de Viaro (2014), isto é, a descrição da trajetória de uma forma (palavra, morfema, expressão etc.) em dada língua, abrangendo a discriminação de aspectos formais e semânticos. Distingue-se **étimo** de **origem**, em conformidade com Viaro (2014), pois a descrição etimológica não precisa necessariamente remontar, por exemplo, às raízes indo-europeias. **Étimo** é a forma estudada tal qual se apresenta em uma sincronia pretérita da língua de que foi herdada ou de que foi tomada de empréstimo, sem aumento ou supressão de seus elementos formativos. Assim, por exemplo, uma forma de raiz românica em português pode ter étimo francês ou espanhol, por ter sido tomada de empréstimo dessas línguas, e não seria preciso remontar a uma raiz do proto-romance ou mesmo do protoindo-europeu para o estabelecimento de seu étimo. **Origem**, em sentido amplo, pode ser entendida como a explicação da proveniência imediata de uma forma herdada ou emprestada (confundindo-se, nesse sentido, com **étimo**) ou da **formação** (no caso de palavras, **derivação**) do item investigado, e, em sentido estrito, é entendida como o recuo à origem da raiz que gera determinada lexia. Tratar-se-á aqui de **étimo** e **formação**. Quanto ao significado, com base em Viaro (2009a, 2011a, 2014), considera-se **sentido prototípico** (sentido esperado de uma forma recém-criada, condizente com a base e o processo derivacional) e **transformação semântica** (metáfora, metonímia, especialização, generalização etc.) ocorrida após a formação da lexia (por vezes, imprevisível na base ou nos afixos que carrega). Estando, no entanto, em uma interface entre a Morfologia e a Semântica Históricas, o estudo considerará esses aspectos conjuntamente e nas relações que estabelecem entre si e na evolução das formas estudadas.

Em adição ao referencial teórico do campo da Etimologia, o artigo fundamenta-se também em estudos sobre formação de palavras (ARONOFF, 1976; DÍAZ HORMIGO, 2004-2005; ROCHA, 1998; RODRIGUES, 2016), léxico real e virtual (BASILIO, 2004), morfossemântica histórico-diacrônica (SOLEDADE, 2004; VIARO, 2011b) e variação morfológica e

sinonímia afixal (CAMBRAIA, 2010; PONCE DE LEÓN, 2010; SIMÕES NETO, 2018; SOLEDADE, 2012). Conhecendo a natureza do trabalho linguístico histórico-diacrônico, que não pode se valer de amostras da língua falada quando trata de sincronias pretéritas em que a aparelhagem de gravação inexistia, como assevera Mattos e Silva (2008), faz-se uso abundante de abonações como evidência textual para comprovação das transformações semânticas e datação dos fenômenos.

As buscas a que a família lexical de *usura* foi submetida, discutidas em detalhe na seção seguinte, permitiram a identificação de onze formas que constituem o conjunto e partilham um morfema lexical básico (MLB) que se apresenta sob os alomorfes *usur-* e *zur-* (este último em lexias como *zura* e *zuraco*). Em consulta a dicionários de referência da língua portuguesa, quais sejam, o *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa* (FERREIRA *et al.*, 2004), o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2009), o *Dicionário online Caldas Aulete*, o *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* e a *Infopédia – Dicionários Porto Editora* (incluídos no rastreamento das formas), observou-se que apenas seis dessas lexias são registradas em todas as cinco obras, uma só é registrada por três dicionários e quatro estão ausentes em todos eles. Vide o Quadro 1:

QUADRO 1 – Dicionarização da família lexical de *usura* em português

Formas	Ferreira <i>et al.</i> (2004)	Houaiss e Villar (2009)	Caldas Aulete	Priberam	Infopédia
usura	X	X	X	X	X
usurar	X	X	X	X	X
usurário	X	X	X	X	X
usureiro	X	X	X	X	X
usurável					
usurento					
usuroso					
usurador					
zura	X	X	X	X	X
zuraco	X	X	X	X	X
usurariamente			X	X	X

Fonte: Levantamento feito pelos autores.

Usura, *usurar*, *usurário* e *usureiro* pertencem ao léxico geral e têm ampla cobertura lexicográfica. *Usurariamente*, embora não encontrado em Ferreira *et al.* (2004) e Houaiss e Villar (2009), ocorre em outros repertórios lexicográficos (Caldas Aulete, Priberam e *Infopédia*) e possui constituição mórfica transparente (como advérbio derivado em *-mente*). *Zura* e *zuraco*, apesar de registradas nas obras lexicográficas, são indicadas como formas populares e regionalismos do Brasil e se distinguem das outras pela aférese da vogal inicial, fenômeno histórico da língua (lat *acumen* > port *gume*) que continua atuando no português popular brasileiro, a exemplo de port *agarrar* > [ga'ya]. *Usurável*, *usurento* e *usuroso*, ausentes em todos os dicionários examinados, são formas que ocorrem no primeiro atlas regional brasileiro, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB* (ROSSI *et al.*, 1963), dividindo com *usurário* o espaço dialetal baiano na condição de sinônimos corradicais para ‘avarento, sovina’. *Usurável* também ocorre em Sergipe (CARDOSO; FERREIRA, 2000) junto com *usurário* (ARAGÃO, 2014), indicando que possivelmente os corradicais sinonímicos em *usur-/zur-* têm mais variedade e vitalidade, no português brasileiro, na área dos *falares baianos* (cf. divisão dialetal do Brasil em NASCENTES, 1955). *Usurador* só foi identificado em publicações recentes na *web*.

Essa família lexical apresenta oito vozes nominais que são sinônimos corradicais, i.e., formas de mesmo sentido, com o mesmo MLB e em que se manifesta a variação morfológica, aqui entendida, em consonância com Bagno (2007) e Simões Neto (2018), como a flutuação no uso de morfemas derivativos (prefixos ou sufixos) semanticamente congêneres, da qual resultaria dada coocorrência/concorrência de formas lexicais sinonímicas, como *tonteira* e *tontura* (SIMÕES NETO; SOLEDADE, 2013). Duas lexias são derivados deverbiais (*usurador* e *usurável*) e seis são derivados denominais (*usurário*, *usureiro*, *usurento*, *usuroso*, *zuraco* e *zura*),¹ mas, apesar das bases diferentes, todas são utilizadas de maneira intercambiável na acepção de ‘avarento, sovina’ e em algumas acepções dadas a *usurário* e *usureiro* nos dicionários (ali apontados como sinônimos totais), ‘que(m) faz empréstimos a juros’, ‘ganancioso’. E não parece se estabelecer diferenciação diatópica em

¹ O que é possível apontar ao se considerar as lições de Rio-Torto *et al.* (2016) e Soledade (2004) quanto às seleções de base por tais sufixos, assim como a etimologia dos derivados em tela (o seu percurso formativo delineado no eixo temporal).

todos os casos: no próprio APFB (Cartas 104 e 105), p.ex., *usurável* e *usurento* ocorrem na resposta do mesmo informante em dois pontos (44 e 48), *usurável* e *usuroso* ocorrem no mesmo ponto, na fala de informantes diferentes (17) e *usurário* e *usurável* ocorrem juntos em dois pontos, na resposta de informantes diferentes (3 e 8).

Que razões poderiam ser elencadas para a explicação desse fenômeno de variação morfológica? Que implicações os dados empíricos aqui apresentados trazem na consideração de temas como o *bloqueio* para uma nova criação lexical, apontado por Aronoff (1976) e Rocha (1998)? A discussão dessas perguntas acrescenta-se ao objetivo geral deste trabalho, que é traçar o desenvolvimento histórico-diacrônico da família léxica de *usura* na língua portuguesa e descrever a etimologia de cada lexia que a compõe, considerando suas transformações no âmbito da forma e do significado.

2 Metodologia e corpora

A delimitação do objeto de análise deste artigo, a família lexical de *usura*, é, sobretudo, consequência do trabalho de inserção do APFB (ROSSI *et al.*, 1963) na plataforma do *Tesouro do léxico patrimonial galego e português* – TLPGP (ÁLVAREZ, 2014-2020),² objetivo central do projeto de iniciação científica (CNPq) no qual os coautores foram, respectivamente, bolsista e orientador, e do seminário interno de um componente curricular da graduação em Letras na instituição a que são filiados, *Introdução aos Estudos Dialetais*, no qual o bolsista apresentou um trabalho, em 2019.2, analisando as cartas fonéticas 103, 104, 105 e a carta-resumo 103/104/105 do APFB, todas referentes a denominações para *avarento*. A carta fonética 104 apresenta *usurário* e *usurável*, com várias realizações fonéticas diferentes, e *usura* em suas notas; já *usurento* e *usuroso* estão na carta fonética 105. A ocorrência dessas cinco formas e, especialmente, a coexistência de quatro corradicais sinonímicos inspirou a pesquisa, que agora engloba toda a família léxica.

É comum que alguns estudos em morfologia e formação lexical apontem que a existência de certa palavra pode bloquear a criação

² Projeto internacional e interinstitucional sediado no Instituto da Língua Galega da Universidade de Santiago de Compostela, sob a coordenação geral da Profa. Dra. Rosario Álvarez Blanco. O portal do *Tesouro* pode ser acessado em: <http://ilg.usc.es/Tesouro>.

de novas formas sinônimas, sobretudo corradicais, pelos diversos processos derivacionais disponíveis na língua (cf. ARONOFF, 1976; ROCHA, 1998), mas os dados do APFB, trazendo 27 lexias diferentes para ‘avarento, sovina’ no mesmo espaço dialetal, entre elas quatro sinônimos corradicais, desafiam tal noção. O que geraria essa profusão de formas? O estudo do léxico não pode ignorar fato incontornável, aqui parafraseado de Viaro (2011a): as palavras que se busca descrever não foram criadas hoje. O *momento neológico* (VIARO, 2011a) reside em sincronias pretéritas. Tentar intuir donde vem esta ou aquela palavra apenas com o conhecimento da sincronia atual não somente seria um exercício acientífico, mas potencialmente falseador do funcionamento da língua (cf. VIARO, 2014).

Há razão, portanto, para defender que é o estudo etimológico e histórico-comparativo o mais acertado para explicar a diversidade e variação em qualquer família de palavras, e naquela que porta o MLB **usur-** (alomorfes *usur-* e *zur-*) em particular. A Etimologia (cf. VIARO, 2014, 2013), enquanto descrição do trajeto histórico de dada forma ou palavra, desde sua formação ou de seu *étimo* até o momento atual, terá de se ocupar em estabelecer os seguintes elementos-chave:

- i) o **étimo** de uma forma X que, como apontado anteriormente, corresponde a essa *mesma forma* tal como se apresenta em uma sincronia pretérita de dada língua ou de outra língua donde foi herdada ou tomada de empréstimo, sem ter experimentado aumento ou supressão de seus elementos formativos (VIARO, 2014). Assim, por exemplo, o galego-português *sodes* sXIII é um étimo válido para o português *sois* (2ª pessoa do plural do verbo *ser* no presente do indicativo), e seria possível ainda recuar à forma latina reconstruída **sutis*. Normalmente atribuir-se-á como étimo a atestação de maior antiguidade (lat *causam* sII a.C. > port *coisa* sXIII) ou uma reconstrução plausível, consideradas as histórias interna e externa e as relações genéticas da língua em questão (lat **sutis* > gal-port *sodes* sXIII > port *sois*). Há que se dizer ainda que esses recuos, no caso do étimo, são válidos apenas para o que se poderia considerar diferentes estágios da mesma língua. Por exemplo: o étimo do port *deletar* não é o lat *deletus*, e sim o ing (*to*) *delete*. Embora a forma participial latina seja a origem da forma inglesa, o verbo *deletar* entra na língua portuguesa como

empréstimo inglês, logo seu étimo é inglês. O ponto crucial é a forma de entrada na língua: o étimo de formas herdadas é encontrado na língua-mãe, e o étimo de formas emprestadas está na língua de contato. Para o presente estudo, formas atestadas terão absoluta primazia, e recorrer-se-á a reconstruções apenas nos casos em que evidências de outras línguas românicas suportem um étimo reconstruído. Nenhum étimo será proposto caso ambas as situações não se apliquem;

- ii) o **terminus a quo**, isto é, a atestação mais antiga da forma estudada. Embora essa informação geralmente não permita o estabelecimento do *momento neológico*, que é quase sempre anterior, com raras exceções, ela testemunha a existência da forma naquela sincronia, dado fundamental para qualquer explicação das transformações e dos processos de transmissão da lexia investigada. Buscar-se-á fornecer uma datação para todas as formas, com suas respectivas abonações;
- iii) os **elementos formativos** das palavras estudadas, tais quais eram na língua e sincronia em que foram formadas, a saber: a) a **raiz**, elemento estritamente diacrônico, que pode reunir formas interpretadas como independentes na sincronia atual (lat *planum* > port *porão* e *chão* vs. port *plano* < lat *planus*), formas de relação bastante opaca (port *falar* e *fama*, cf. PENA; CAMPOS SOUTO, 2009) e ainda formas de línguas com alguma relação genética, ainda que distante (protoindo-europeu **pisk-* latim *piscis* ‘peixe’ = irlandês antigo *tāsc* = gótico *fisks*). A raiz é definidora daquilo que Pena e Campos Souto (2009) tratarão como “família etimológica”; b) o **radical**, termo que agrega complexa polissemia cujos pormenores ultrapassam o escopo do artigo. Para evitar confusões, utilizar-se-á o sinônimo **morfema lexical básico** (MLB), que é mais preciso por definir um paradigma léxico mais ou menos homogêneo e estabelecer um significado básico que ainda pode ser recuperado em todas as formas derivadas. Um radical, por exemplo, pode ser tanto o MLB quanto qualquer base que servirá à adjunção de afixos derivacionais (**amig-o**, **amicabil-idade**). Resta acrescentar que o MLB pode se sobrepor à raiz (cf. lat *pisc-is*), mas ambos se distinguem porque **raiz** diz respeito a uma noção diacrônica, enquanto **MLB** define um grupo de palavras em dada sincronia; e c) os **afixos** (prefixos, sufixos,

circunfixos etc.), estejam completamente fundidos ao MLB (*com-* em port *com-er*, sequência que correspondia ao prefixo em lat *com-edēre*) ou não (port *just-ez-a*, MLB *just-*). A identificação dos elementos formativos históricos da palavra estudada encerra uma *etimologia*: port *amigo* < lat *amīcum* ~ *amīcus* ← lat *am-* + *īcus,a,um* (cf. VAAN, 2008).

Entende-se neste artigo por *família lexical* (ou *família léxica*) o conjunto de vocábulos que se relacionam entre si pelo compartilhamento de um MLB, revelando um vínculo/parentesco etimológico e a manutenção de um significado central comum entre as formas ou, quando menos, alguma aproximação semântica. É esse segmento, o MLB (com suas possíveis variações alomórficas), que reverbera na palavra-base ou lexema matriz que encabeça a família lexical (por exemplo, família lexical de *morte*, família lexical de *lento*, família lexical de *andar* etc.), item responsável pela ativação de tal paradigma léxico, sendo o principal fator para sua caracterização e identificação.

Além da família de *usura*, objeto deste estudo, poder-se-ia mencionar, a modo de exemplificação, a família lexical de *outono*, que se estrutura sob o MLB *outon-*, tem como palavra-base ou lexema matriz *outono*, e é constituída pelas lexias *outono*, *outonada*, *outonal*, *outonar*, *outonear* e *outoniço*. Destarte, o termo *família lexical* corresponderia ao que Rodrigues (2016) designa por *família de palavras*, Haspelmath (2002) e Haspelmath e Sims (2010) por *word family* e *lexeme family*, Sánchez Martín (2008) por *família léxica* e a NGLÉ (RAE; AALE, 2009) por *família de palabras*. Pode-se perceber, assim, com Pena e Campos Souto (2009) e Hernández Arocha (2020), que a noção de *família lexical* não se confunde com o que se sói denominar nos estudos léxico-semânticos como *campo lexical*, *campo nocional*, *campo semântico* ou mesmo *família etimológica*. Trata-se, em suma, de um agrupamento de vocábulos analisado sob um ponto de vista morfológico, ainda que implique considerações de ordem semântica e etimológica.

Cabe ressaltar, ainda sobre a família lexical, que se trata de um paradigma léxico-morfológico caracterizável como um agrupamento de alcance potencialmente elástico, ou seja, aberto (MORERA, 2002), dinâmico, passível de ampliação, com a geração/inclusão de novos vocábulos. Sendo assim, se se concebe a família lexical de *tecla* como constituída por esse elemento e pelas lexias *teclado*, *teclar*, *teclear*,

teclador e tecladista, pode-se afirmar que se mantém *potencial* ou *virtualmente* aberta, dada a *possibilidade* de criação neológica e difusão de formas como *tecleamento, tecleação, tecladista, tecleiro, multitecla, megateclado, supertecleador, retecl(e)ar, porta-teclado/guarda-teclado* etc.

Embora o árduo trabalho de ir aos textos antigos para desvendar os caminhos de uma única palavra não raro baste como escopo de um artigo, há certa vantagem no estudo de uma *família lexical* (cf. PENA; CAMPOS SOUTO, 2009, e o verbete *família* em DUBOIS *et al.*, 2014), pois o labor etimológico exige que se enfoque “o todo que circunda a palavra pesquisada” (VIARO, 2014, p. 235), considerando que os vários membros dessa *família* tecem múltiplas relações entre si, desde sua criação até o presente, tanto no tocante à forma quanto ao sentido. Mesmo nos casos em que uma das formas dista substancialmente de seus corradicais pela atuação de transformações metafóricas, a própria história dessas relações é o que esclarecerá tal distância. O português, por sua vez, não é língua isolada, mas manteve e mantém contato, em suas diversas manifestações, com muitas e diferentes línguas de todo o mundo. Além disso, é uma língua românica, da família indo-europeia, e partilha origem comum com o castelhano, o galego, o francês, o italiano, o romeno, entre outras, sendo descendente do latim vulgar (BASSETTO, 2005; ILARI, 2018). Cabe mencionar também que o *latim literário* é fonte ininterrupta de empréstimos eruditos e técnicos ao longo de toda a história do grupo românico, o que Bassetto (2005) e Ilari (2018) chamam de *adstrato permanente*. Assim justifica-se a aplicação de método histórico-comparativo, para uma compreensão mais sólida da constituição do conjunto de palavras estudadas.

Ao discutir os graus de certeza de uma etimologia propostos por Jespersen (1954), dirá Viaro (2009a, p. 455): “Quanto maior o número de línguas envolvidas (...), mais próximo do seguro esse étimo estará”. O primeiro passo realizado foi o rastreamento de todas as formas com o MLB **usur**- em dicionários de língua portuguesa e em uma variedade de *corpora* linguísticos *online*, o que permitiu a construção gradual da lista de palavras apresentadas no Quadro 1. Em seguida, fez-se ao mesmo tempo o levantamento de novos *corpora* (para o registro da ocorrência de cada palavra em outras bases de dados e a coleta de abonações e datações) e a seleção das línguas que seriam incluídas na comparação. Essa escolha baseou-se sobretudo na disponibilidade de materiais fidedignos, na possibilidade de manejo de textos em língua

estrangeira e no potencial contributo de dada língua à comparação, isto é, o que o registro e a datação em uma e outra língua poderiam indicar para a história dessa família léxica, consideradas a história dos contatos de cada língua e as divisões dialetais propostas para a România (cf. ILARI, 2018). Por exemplo: um item de raiz românica identificado em inglês provavelmente terá existido em francês, e certamente não ocorreria isoladamente no português e no inglês; outro, identificado em galego e castelhano, poderá ser específico aos romances ibéricos; e ainda outro, sendo identificado em romeno ao lado das outras línguas românicas, sem apresentar características de um empréstimo ou decalque do francês ou do italiano, se caracterizará em um caso mais robusto para a proposição de um étimo latino, ainda que reconstruído. Fizeram parte da seleção: o latim (clássico, vulgar, medieval e renascentista), o castelhano, o catalão, o francês, o galego, o italiano, o provençal/occitano, o romeno, o sardo e o inglês (que, mesmo não sendo língua românica, recebeu expressivo aporte de léxico latino-românico).

Quanto aos *corpora*, o quadro de referências (que em número ultrapassa uma centena) pode ser dividido em sete tipos: 1) dicionários de língua monolíngues, bilíngues ou trilingues (*online* e impressos); 2) dicionários etimológicos (em sua maioria impressos, e alguns *online*); 3) *corpora* textuais *online*; 4) bancos de dados léxicos (como o TLPGP); 5) mecanismos de busca na *web* (a pesquisa avançada do Google³ e o Google Livros);⁴ 6) atlas linguísticos (entre eles o próprio APFB); e 7) *varia*, como livros ou estudos de menor extensão que contêm as lexias investigadas ou portais em diferentes línguas que reúnem referências, como o *Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales*⁵ ou o *Institut d'Estudis Catalans*.⁶ Mesmo não tendo sido possível em todos os casos usar um *corpus* de cada tipo para cada língua, houve variedade significativa nos materiais de cada uma delas. Construído o referencial, a família lexical foi submetida a rastreio exaustivo de correspondências em todas as línguas escolhidas, em todos os materiais levantados.

Também não foram ignoradas formas que apresentam constituição morfológica diferente daquelas em língua portuguesa. O achado de

³ Disponível em: https://www.google.com/advanced_search. Acesso em: 21 ago. 2020.

⁴ Disponível em: <https://books.google.com.br/>. Acesso em: 31 jul. 2020.

⁵ Disponível em: <https://www.cnrtl.fr/>. Acesso em: 18 ago. 2020.

⁶ Disponível em: <https://www.iec.cat/activitats/entrada.asp>. Acesso em: 21 ago. 2020.

usurador em galego, por exemplo, levou à inclusão de formas hipotéticas correspondentes em outras línguas na lista de palavras que seriam buscadas e a um novo rastreamento em todas as línguas selecionadas: em analogia ao resultado de outras palavras em *X-tôr*, previa-se **usurador* em português, castelhano, catalão e occitano, **usurateur* ou **usureur* em francês, **usuratore* em italiano, **usuradòri* em sardo, **usurător* em romeno, **usurator* ou **usuror* em inglês e ainda uma forma latina como **usurator*. Essas lexias foram então rastreadas nos materiais escolhidos, e com este procedimento um filtro bastante eficaz foi acrescentado à pesquisa, pois ele permitiu, neste caso, a atestação de *usurador* em português, castelhano e catalão, *usureur* em francês, *usuror* em inglês e *usurator* em latim. Para os dicionários de língua e etimológicos, a disposição dos verbetes foi um facilitador do trabalho: por estarem em ordem alfabética, bastou seguir a sequência *verbo ad verbum* até que todas as formas com o MLB pesquisado ali registradas fossem recuperadas. Em alguns casos, especialmente em dicionários *online*, quando não há índices alfabéticos, a solução foi digitar a sequência *usur-* (ou o equivalente na língua específica) e abrir cada verbete sugerido com essa mesma sequência até o registro de todas as formas de MLB **usur-** descobertas. No caso de *corpora* textuais e bancos de dados lexicais, diversas foram as estratégias. Alguns, como o *Corpus do Português*⁷ (DAVIES, 2006-2018), permitem a busca lematizada, então foi suficiente digitar *usurário* em caixa alta e o *corpus* forneceu todas as ocorrências desta palavra, em todas as formas flexionadas, identificadas no banco de textos. Outros forneciam índices, e procedeu-se aí com a mesma técnica usada nos dicionários. Sem índices, buscou-se por sequência de letras. Quando nenhuma dessas opções estava disponível, somente formas conhecidas ou cuja existência se supunha por equivalentes em outras línguas foram buscadas.

A pesquisa avançada do Google permite refinar a busca por língua e período, assim é possível pesquisar, p.ex., *usura* apenas em páginas em português publicadas entre 2005 e 2007. Esse mecanismo foi pouco usado para datações, já que os outros materiais e o Google Livros serviam melhor a tal atribuição, mas permitiu o registro da ocorrência de palavras ausentes nos dicionários e textos. Somente páginas que poderiam ser abertas para verificação do contexto da palavra foram consideradas, pois

⁷ Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

os resultados gerados nem sempre correspondiam à sequência digitada, ou ainda a sequência era a mesma, mas estava em duas palavras separadas. Também foi necessário, no caso do verbo *usurar* e correspondentes nas outras línguas, verificar o contexto sempre que se incluísse na pesquisa uma forma que fosse idêntica a alguma lexia nominal (*a usura* x *ele usura*, *as usuras* x *tu usuras*), para garantir que a ocorrência fosse de fato da forma verbal. O latim, o galego, o occitano/provençal e o sardo não foram pesquisados no Google por não haver a opção de restringir a busca a elas, e também o romeno por haver uma maior dificuldade dos investigadores de interpretar textos nessa língua e pela coocorrência de formas similares não facilmente distinguíveis da família investigada sem treinamento prévio sobre leitura e ortografia em romeno.

O Google Livros também admite o refinamento por língua e período e, pelas mesmas razões acima expostas, formas latinas, galegas, occitanas, sardas e romenas não foram buscadas com essa ferramenta. Somente obras datadas e em que era possível a visualização da página ou do texto integral foram consideradas, pois muitas vezes o mecanismo de busca gerava um resultado que tinha a sequência digitada, mas estava em duas linhas diferentes como duas palavras soltas (ex. *usura dor*) ou como partes de duas palavras com hífen identificadas como uma sequência só (ex. *usur-pador miser-ável*) ou ainda uma palavra com letras ilegíveis ou rasuradas (ex. *usurpador*). A ocorrência de cada forma e a datação, quando fornecida, foram anotadas em documento à parte, com a devida referência do material donde se extraíram essas informações. Findada essa fase, foi possível elaborar uma tabela *Excel* com os lemas de cada língua e seus respectivos *termini a quo*. A extração de abonações só foi feita para o português e, nos casos em que se identificou empréstimo ou léxico herdado, para a língua do étimo.

Para melhor exposição dos resultados do rastreamento, dois quadros foram elaborados: o primeiro deles (QUADRO 2) é organizado com formas que possuem correspondência direta às formas encontradas em português, i.e., que possuem base léxica equivalente ao port *usura* e afixos que correspondem àqueles identificados no vernáculo; o segundo (QUADRO 3) reúne todas as outras formas que não possuem equivalência direta em termos de suas bases ou de seus afixos. Em ambos os quadros, indica-se o *terminus a quo* de cada forma, quando este pôde ser certificado. Além disso, o Quadro 3 traz a tradução e a categoria gramatical das lexias encontradas.

QUADRO 2 – Equivalentes latinos, românicos e ingleses às formas de língua portuguesa identificados no rastreamento em sincronias atuais ou pretéritas⁸

português	latim	castelhano	catalão	francês	galego
usura 1264-84	ūsūra,ae 191 a.C.	usura 1218-50	usura sXIII	usure 1140	usura 1264-84
usurar sXIV	usurare 1188	usurar 1541	usurar sXV	usurer sXIII	-
usureiro 1264-84 usurário 1589	ūsūrārīus,a,um sII a.C.	usurero 1247 usurario 1325	usurer 1249 usurari 1385-86	usurier 1213 usuraire 1311	usureiro 1264-84 usurario
usurável 1963	-	usable 1895	usable 1913	usable 1336	-
usurento 1963	-	usuriento 2012	-	-	-
usuroso 1963	-	usuroso 2012	-	-	-
usurador 2013	usurator sXV	usurador 1913	usurador 1913	usureur sXII	usurador
usurariamente 1758	-	usurariamente 1744	usuràriament 1839	usurairement 1448	-
português	italiano	occitano	romeno	sardo	inglês
usura 1264-84	usura sXIII	usura sXII	uzurã 1826	usura 1316	usure † ¹ sXIV
usurar sXIV	usurare 1309	usurar	-	usurai 1832	to usure † 1757
usureiro 1264-84 usurário 1589	usuraio sXIII usurario sXIII usuriere sXIII	usurièr sXII usurari sXIII	uzurar 1826	usureri 1316 usuraju 1832 usuràriu 1832	usurer sXIV usurary † 1681
usurável 1963	usurabile 1850	-	-	-	usable 1879
usurento 1963	-	-	-	-	-
usuroso 1963	usuroso 2016	-	-	-	usurous † 1716
usurador 2013	-	-	-	-	usuror † 1686
usurariamente 1758	usurariamente 1717	-	-	-	-

Fonte: Rastreamento feito pelos autores.

⁸ Nenhuma forma equivalente a *zura* ou *zuraco* foi encontrada fora do português no rastreamento, e por essa razão ambas não são trazidas no quadro, uma vez que não serviriam ao propósito da comparação.

⁹ O símbolo «†» indica que a palavra é desusada, seguindo a simbologia adotada por Viaro (2014).

QUADRO 3 – Outras formas sem equivalentes diretos em português¹⁰

latim ¹¹	castelhano	catalão
<ul style="list-style-type: none"> ● <i>interusurium</i> (M) sVI subs. ‘juro que se acumula por um período’ ● <i>usuraticus</i> (R) 1513 adj. ‘relativo à usura, referente a juros’ ● <i>usuratio</i> (M) sXIII subs. ‘prática de usura, ato de emprestar a juros’ ● <i>usurella</i> (R) 1697 subs. ‘pequena usura, logro’ ● <i>usura</i> (M) 1710 subs. ‘direito de usar, uso, usagem’ ● <i>usurizare</i> (M) sXIII v. ‘fazer empréstimo a juros, usurar’ ● <i>usurolum</i> (M) 1710 adj. ‘usado, costumado’ (?) ● <i>usurula</i> (R) 1697 subs. ‘pequena usura, logro’ 	<ul style="list-style-type: none"> ● <i>interusurio</i> † 1648 subs. ‘juro que se acumula por um período’ ● <i>usuravelmente</i> 1913 adv. ‘de maneira usurável’ ● <i>usuradamente</i> 1913 adv. ‘de maneira usurada’ ● <i>usurear</i> 1739 v. ‘dar ou tomar a usura’ ● <i>usureria</i> † 1845 subs. ‘prática da usura’ ou ‘lugar onde se usura’ ● <i>usúria</i> † 1378-1406 subs. ‘usura’ ● <i>usurioso</i> adj. ‘que tem usura, de que se cobra ou paga usura’ 	<ul style="list-style-type: none"> ● <i>usurablement</i> 1913 adv. ‘de maneira usurável’ ● <i>usuradament</i> 1913 adv. ‘de maneira usurada’ ● <i>usural</i> 1913 adj. ‘usurário’ ● <i>usurant</i> 1913 adj. ‘usurário’ ● <i>usurejar</i> 1913 v. ‘usurar’ ● <i>usurerament</i> 1913 adv. ‘de maneira usurária’ ● <i>usureria</i> 1913 subs. ‘prática da usura’ ● <i>usureta</i> 1840 subs. ‘usura pequena’ ● <i>usuriós</i> adj. ‘que tem usura, de que se cobra ou paga usura’
francês	galego	italiano
<ul style="list-style-type: none"> ● <i>interusure</i> 1767 subs. ‘juro que se acumula por um período’ ● <i>usuratif</i> 1587 adj. ‘usurário’ ● <i>usuratoire</i> 1426 adj. ‘que diz respeito à usura’ ● <i>usurie</i> † subs. ‘usura’ ● <i>usurieux</i> 1497 adj. ‘usurário, usuroso’ 	<ul style="list-style-type: none"> ● <i>usúria</i> 1969 subs. ‘cobiça’ 	<ul style="list-style-type: none"> ● <i>usuraiaccio</i> subs. ‘usureirinho’ ● <i>usuraietto</i> subs. ‘usureirinho’ ● <i>usurale</i> adj. ‘usurário’ ● <i>usurarietà</i> 1876 subs. ‘qualidade de ser usurário’ ● <i>usuratico</i> adj. ‘que se baseia em usura’ ● <i>usureggiamento</i> sXIV subs. ‘ação de usurar, o resultado de usurar’ ● <i>usureggiante</i> adj. ‘que pratica a usura’ ● <i>usureggiare</i> 1334 v. ‘usurar’ ● <i>usuriare</i> 1313 ‘emprestar a juros de usura’ ● <i>usurioso</i> 1749 adj. ‘usurário, usuroso’

¹⁰ Não foram encontradas outras formas no occitano, e por esse motivo essa língua não está no Quadro 3.

¹¹ (M) e (R) indicam que a forma é atestada, respectivamente, no latim medieval ou no latim renascentista.

romeno	sardo	inglês
<ul style="list-style-type: none"> ● <i>usurare</i> 1823 subs. ‘prática da usura’ ● <i>usuras</i> 1823 subs. ‘usurário’ (ocupação) ● <i>usurat</i> 1823 adj. ‘emprestado a juros’ ● <i>usuratoãre</i> 1823 subs./adj. ‘usurária’ ● <i>usuretieste</i> 1823 adj. ‘relativo à usura, usurário’ ● <i>usurez</i> 1823 v. ‘liquidar a usura’ ● <i>uzurãrie</i> subs. ‘usura, ocupação do usureiro’ 	<ul style="list-style-type: none"> ● <i>usuramentu</i> subs. ‘usura’ ● <i>usuresu</i> subs. ‘usurário’ ● <i>usuria</i> subs. ‘usura’ ● <i>usurittu</i> subs. ‘usurário’ 	<ul style="list-style-type: none"> ● <i>usuress</i> 1648 subs. ‘usureira, mulher usureira’ ● <i>usurious</i> 1640 adj. ‘que empresta dinheiro a juros exagerados’ ● <i>usuriously</i> 1667 adv. ‘de maneira usurária’ ● <i>usuriousness</i> 1731 subs. ‘qualidade ou disposição usurária ou extorsiva’ ● <i>usury</i> sXIV subs. ‘usura’

Fonte: Rastreamento feito pelos autores.

Não é supérfluo salientar, mais uma vez, que o estudo ora delineado tem como escopo o rastreamento das formas que constituem a família lexical de *usura* na língua portuguesa, sendo esse seu objeto, tendo-se como recorte empírico os dados extraídos das fontes várias mencionadas, atinentes ao vernáculo. Destarte, tomam-se informações/dados de outras línguas românicas e do inglês apenas como apoio (que se mostrou imprescindível) para algumas das análises morfológicas, semânticas e etimológicas delineadas nas próximas seções do artigo.

Dada a profusão de dados encontrados, a discussão dessa família de palavras em âmbito românico (com a adição do inglês) ficará para outra publicação. Isso de modo algum anula o valor do rastreamento panromânico para este trabalho. Seus resultados foram profícuos no esclarecimento do processo de transmissão das palavras para o português, permitiram a discriminação entre o que é herdado e o que surge e se manifesta em língua portuguesa e, sobretudo, deram respaldo empírico às etimologias que serão propostas a seguir.

3 A base lexical *usura*

Muito embora o agrupamento das onze lexias encontradas em uma mesma família se dê por um critério eminentemente formal (todas apresentam um *morfema* comum, o MLB **usur-**), a relação entre elas é de caráter dúplice, pois se refere à forma, mas também ao significado. É com essa duplicidade em mente que *usura* será definida como *base*

lexical, pois é baseando-se nessa palavra e em sua teia semântica que seus derivados e os derivados de seus derivados se definem formalmente e quanto ao leque de significados que possuem.

Faz-se imperioso ressaltar que *usura* não é tomada por base derivacional primeira da família de palavras por ser a forma “mais simples”, mas sim, por sua maior antiguidade em relação às outras ser respaldada pelos textos. Não somente é possível que formas complexas derivem formas simples, como também a existência de um *léxico virtual* internalizado permite que o falante aceda e utilize palavras de paradigmas lexicais que jamais se manifestam integralmente no *léxico real* (BASILIO, 2004). Notável é o exemplo mencionado por Viaro (2014): *prostrado* é a base donde deriva o verbo *prostrar*. Esse particípio é mais antigo que o infinitivo correspondente em português, e já existia em latim sob a forma *prostratus*, do verbo *prosternere*. Sobre isso, ele afirma: “As intuições do falante ou as regras práticas da Gramática valem muito pouco para a Etimologia.” (VIARO, 2014, p. 105). Interpretações logicizantes dos processos derivacionais, sem sustentação em evidências documentais, não se coadunam com o devido exame etimológico e serão rejeitadas aqui.

Usura é primeiro atestada na peça *Pseudolus* (191 a.C., cf. HARRISON, 2005), de Plauto, autor do período arcaico (para uma periodização do latim, cf. CLACKSON; HORROCKS, 2007). Seu significado original, conforme definido por Lewis e Short (1879), é ‘um uso, ou proveito de algo’,¹² como se vê no trecho abaixo, extraído do banco de dados do *Corpus corporum*,¹³ da Universidade de Zurique:

*non potest usura usurpari*¹⁴
(Plauto, *Pseudolus*, 1, 2; l. 191 a.C.)

Sua origem estaria na conversão do particípio futuro do verbo depoente *utor, ūtī* ‘usar, servir-se de’ 200 a.C.: *ūsūrus, a, um* ‘que (se) usará’. Esse processo – a conversão de particípios em nomes departicipiais – revela a atividade já no latim arcaico da tendência que mais tarde se consolidaria nas línguas românicas (p.ex., lat *futūrus* ‘que será’ part fut de *sum, esse* ‘ser, estar’ > port *futuro*; lat *nūtrītūra*

¹² Trad. nossa do original “a using, use, or enjoyment of a thing”.

¹³ Disponível em: <http://mlat.uzh.ch/MLS/>. Acesso em: 15 jul. 2020.

¹⁴ Em tradução livre: “o uso não pode ser usurpado”.

fem do part fut *nūtrītūrus* ‘que (se) nutrirá’, de *nūtriō*, *nūtrīre* ‘nutrir, amamentar’ > fr *nourriture* ‘comida’) e é análogo ao que aconteceu com o participio passado do mesmo verbo: lat *ūsus* ‘usado’ > port *uso*. Por sua raiz, *usura* está relacionada a *uso*, *usual*, *usuário*, *útil*, *usufruto* etc., mas bem cedo seu sentido geral foi restringido e as transformações semânticas a distanciaram de seus congêneres.

Por uma especialização semântica, o lat *ūsūra* não seria o uso de qualquer coisa, mas ‘um uso ou utilidade de dinheiro emprestado’¹⁵ (LEWIS; SHORT, 1879), definição encontrada em Cícero, em meados do século I a.C., abonada na passagem seguinte, extraída do *corpus* de textos latinos clássicos do *Packard Humanities Institute*:¹⁶

*magistratus a publicanis pecuniam pro usurā auderet auferre*¹⁷
(Cícero, *Orationes* 3, *In Verrem*, 2, 3, 72; 4. sI a.C.)

Uma das coisas que se relaciona ao uso de dinheiro emprestado são os juros pagos por esse uso, assim, por metonímia, ‘um uso ou utilidade de dinheiro emprestado’ torna-se ‘juro pago pelo uso de dinheiro, usura’¹⁸ (LEWIS; SHORT, 1879). Esse sentido é encontrado já no século I a.C., como se vê a seguir (exemplo retirado do *Corpus corporum*):

*ut sexenni die sine usuris creditae pecuniae solvantur*¹⁹
(Júlio César, *De Bello Civili*, 3, 20, 5; 6. sI a.C.)

Por generalização, de ‘juro específico para empréstimos monetários’, o termo passa a referir-se a ‘juro’²⁰ (LEWIS; SHORT, 1879). Vide este exemplo, de Cícero (do *Corpus corporum*):

*nec unquam sine usurā reddit quod accepit*²¹
(Cícero, *Cato Maior: de Senectute*, 15, 50; 2. sI a.C.)

¹⁵ Trad. nossa do original “a use of money lent”.

¹⁶ Disponível em: <https://latin.packhum.org/index>. Acesso em: 31 jul. 2020.

¹⁷ Em tradução livre: “o magistrado ousaria tirar dinheiro dos publicanos por causa de seu uso?”

¹⁸ Trad. nossa do original “interest paid for the use of money, usury”.

¹⁹ Em tradução livre: “que em seis anos o dinheiro emprestado seja liquidado sem usuras”.

²⁰ Trad. nossa do original “interest”.

²¹ Em tradução livre: “nenhuma vez dá ou recebe sem usuras”.

Os significados mais antigos, relacionados a *usura*, são perdidos ao longo do tempo e não passam às línguas românicas, mas os sentidos relacionados a *juros* permanecem, são transmitidos no latim vulgar e estão no cerne de neologismos românicos posteriores. As primeiras atestações de *usura* em textos galego-portugueses se referem a *juros*. É o que se vê nas *Cantigas de Santa Maria* (1264-84), de Afonso X (exemplo extraído do *Corpus Informatizado do Português Medieval – CIPM*):²²

*Como Santa Maria deu o fillo a hũa bõa [dona] que o deitara
em pennor, e creçera a usura que o non podia quitar
(Afonso X, CSM062, 1264-84)*

O último sentido identificado na pesquisa como tendo se desenvolvido ainda em latim é *lucro* (definição também dada pelo *Dicionário de Latim-Português Português-Latim* da Porto Editora, 2014). Gerado por nova atuação de metonímia, ele está em textos do século IV d.C., na Antiguidade Tardia. O exemplo mais antigo é de Ambrósio (340-397 d.C.), Bispo de Milão, no período final do Império Romano (extrato do *Corpus corporum*):

*Itaque quanto uberior fenoris summa, tanto gratior sortis usura*²³
(Ambrósio de Milão, *De excessu fratris sui Satyrus*, 16, 1291C. sIV d.C.)

Este significado foi herdado pelo português, e o exemplo mais antigo encontrado no rastreamento é de João de Barros, em 1540 (acedido por consulta ao *corpus* de DAVIES, 2006-2018):

*[...] ali está escrito de mi e de todo fiêl sérvio que quér dar
a usura o talento do Senhor.
(João de Barros, Gramática da língua portuguesa, 1540)*

A metonímia é o processo que mais atua nas transformações semânticas de *usura*. Cedo ganhou (junto com a profissão de *usureiro*) conotações morais e a palavra adquiriu espaço na denominação de vícios de caráter. Do juro ou lucro da prática *usurária*, a *usura* seria agora, por metonimização, uma característica dos que a cobram, a *cobiça* ou

²² Disponível em: <https://cipm.fcsh.unl.pt/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

²³ Em tradução livre: “e assim quanto mais abundante a soma de juros, mais agradável o capital de lucro”.

a *mesquinhez*. O exemplo mais antigo encontrado é de 1399, fornecido por Machado Filho (2019, p. 693):

Esto se os que leuan os algos dos judeus que elles leuan dos cristãos por usura
(*Tratado dos sacramentos da ley antiga e NOVA*, 1399. Fólio 34, reto, coluna 1)

Outro exemplo do mesmo processo é o significado de ‘ganância’, que *usura* adquiriu, cujo exemplo mais antigo é o texto *Sacramental*, de 1488 (CIPM). Caracterizando os sete pecados capitais, o *scriptor* afirma que um deles, a avareza (*avaricia*), tem sete filhas e a terceira delas é a *usura*. Veja-se o trecho abaixo:

A terceira [filha da avaricia] he ussura e em outra maneira se chama
apetito de ganho. E o sseu titolo he este: [...] Todo meu cuydado
he enriquecer com ganhos de usura.
(*Sacramental*, 1488)

Essa abonação revela ainda duas outras coisas de interesse. Primeiro, põe *usura* numa relação de hiponímia com *avareza*, seu hiperônimo, incluindo-a na “categoria” de vícios típicos de quem é *avarento*, o que ajuda a explicar como *usura* e *avareza* vieram a se tornar sinônimos (cf. verbete *usura*₁ em Ferreira *et al.* (2004) e Houaiss e Villar (2009)) e também como vários de seus derivados constam como denominações para ‘sovina’ no APFB. A segunda é a coexistência de significados diferentes para *usura*, uma vez que suas correspondências a *ganância* e a *juro* estão registradas no mesmo texto.

Amplamente dicionarizada e presente em todas as línguas e variedades de língua pesquisadas, até mesmo no *latim vulgar* (VÄÄNÄNEN, 1968), *usura* possui complexa polissemia. Sua última transformação de sentido que será relevante para as seções/discussões a seguir é a que se atesta no APFB (ROSSI *et al.*, 1963):

[usurável] invejoso, tem usura pelo que é dos outros.
(APFB, 1963, Carta 104, P-29, inf. A)

Esse caso é outro exemplo de metonimização. Por contiguidade semântica, passa-se da ‘ganância ou cobiça ao dinheiro dos outros’ à ‘inveja pelo que os outros têm (em termos concretos ou abstratos) e/ou ao que são’.

Cabe destacar, por fim, a existência de um homônimo, *usura*₂, definido como brasileirismo por Houaiss e Villar (2009), que significa ‘corrosão que sofrem os materiais em função do tempo de uso, de fricção ou atrito’, ‘desgaste’ (HOUAISS; VILLAR, 2009). A formação que sugerem para a forma dista dos resultados da pesquisa. Segundo esses lexicógrafos, seria formada “irregularmente” com *uso* + *-ura* em lugar de *usado* + *-ura*, porém lexias derivadas em *-ura* originam-se de 3 fontes principais: 1) da nominalização de participios futuros latinos (lat *apertūra* > port *abertura*, lat *armātūra* > port *armadura*); 2) da sufixação de participios passados (port *fechado* + *-ura* → *fechadura*, *atado* + *-ura* → *atadura*); e 3) da sufixação de adjetivos (port *formoso* + *-ura* → *formosura*, *feio* + *-ura* → *feiura*). Embora a afixação de *-ura* a bases substantivas não seja impossível (*beleza* + *-ura* → *belezura*), são formações incomuns e o rastreamento leva a outra explicação.

*Le Trésor de la Langue Française informatisé*²⁴ data *usure*₂ (equivalente francês) de 1530 e o descreve como derivado de *user* ‘usar’ + *-ure*. Inicialmente considerada, a hipótese de sobrevivência e evolução do sentido latino ‘uso’ teve de ser descartada porque nenhuma língua românica examinada (nem o inglês) apresentou tal sentido antes da forma francesa e porque essa lexia é condizente com os mecanismos derivacionais em francês, onde *-ure* forma substantivos deverbais (funcionando distintamente de *-ura* em português). Isso é constatado no fr *chausser* ‘calçar’ + *-ure* → *chaussure* ‘sapato’ (compare-se com o port *calçado*) e fr *procéder* ‘proceder’ + *-ure* → *procédure* ‘processo’ (compare-se com o port *procedimento*). *Usura*₂ foi identificada em outras línguas românicas apenas entre finais do século XIX e início do XX, como o it *usura*₂ e o port *usura*₂, época em que o francês ainda era a principal língua de prestígio internacional. Tudo isso corrobora a hipótese de que *usura*₂ seja empréstimo francês e tenha por étimo fr *usure*₂, não sendo, portanto, formação vernácula. Acresça-se aqui ser essa informação também fornecida por dicionários italianos (cf. verbete no *Dizionario italiano De Mauro*).²⁵

²⁴ Disponível em: <https://www.cnrtl.fr/definition/usure>. Acesso em: 18 ago. 2020.

²⁵ Disponível em: https://dizionario.internazionale.it/parola/usura_2. Acesso em: 21 ago. 2020.

Usura faz parte do léxico herdado do latim, é derivada pela conversão de um particípio futuro latino, caracterizando-se como nome deparicipial. Um resumo de sua etimologia está no Quadro 4.

QUADRO 4 – Etimologia de *usura*

port <i>usura</i> 1264-84 < <i>ūsūram</i> ~ lat <i>ūsūra</i> 191 a.C. ← <i>ūsūra</i> ~ <i>ūsūrus</i> PART FUT de <i>ūtī</i> 200 a.C.
--

Fonte: Elaboração própria.

4 *Usurar*

O verbo *usurare* é atestado para o latim medieval através do *Glossarium Ad Scriptores Mediae et Infimae Latinitatis* de Charles du Fresne du Cange. O material, que glosa vozes do latim medieval, foi consultado através do *Corpus corporum*, ali datado de 1710 (tomo 1). Esse glossário recebeu sucessivos acréscimos ao longo dos séculos XVIII e XIX²⁶ e, em adendo de 1766, é fornecida a datação de 1188 para o verbo *usurare*. A princípio, não se havia localizado este verbo em latim, e supunha-se um étimo reconstruído **ūsūrāre*, considerando-se a existência da forma verbal em todas as línguas românicas rastreadas, com exceção do romeno e do galego (cf. QUADRO 2). Houaiss e Villar (2009) fornecem como *terminus a quo* para o port *usurar* o século XIV, indicando a existência da lexia ainda em galego-português. Como apresentado acima, os verbos correspondentes nas outras línguas românicas, que ocorrem ainda na Idade Média, foram atestados nesta ordem: francês (sXIII), italiano (sXIV) e catalão (sXV). Além da atestação da própria forma latina, a antiguidade dessas lexias e sua difusão entre o grupo românico suportam, nesse caso, um étimo latino medieval, *usurare*, definido por Du Cange *et al.* (1883-1887) como ‘fazer usuras’ (*usuras producere*). Transcreve-se a seguir parte da abonação fornecida no verbete:

(...) *quamdiu debitor erit in peregrinatione, non Usuret.*²⁷

(Bened. abb. Petroburg. de Gest. Henr. II. reg. Angl. ad ann. 1188.
tom. 2. edit. Hearn. p. 498)

²⁶ O material pode ser conferido em: <http://ducange.enc.sorbonne.fr>. Acesso em: 12 jan. 2021.

²⁷ Em tradução livre: “enquanto o devedor estiver em peregrinação, não usure.”

O lat *usurare* seria, então, um verbo denominal derivado a partir da conversão do lat *ūsūra* 191 a.C. A interpretação da base derivacional como nominal é sustentada por Houaiss e Villar (2009), e também pelos verbetes do *Tesoro della Lingua Italiana delle Origini*²⁸ e de *Le Trésor de la Langue Française Informatisé*,²⁹ porém os dados não apontam para a formação em cada vernáculo, como indicam esses materiais, e sim no próprio latim.

A prática usurária foi um tema jurídico e religioso durante a Idade Média, condenada em vários documentos (cf. Seção 3), ao que se pode supor que o verbo foi transmitido pela escrita, sendo um empréstimo erudito às línguas românicas. Os *corpora* medievais galego-portugueses em que se fez o rastreio não deram nenhum resultado para *usurar* e não se conseguiu, desta forma, confirmar em outros textos ou recuar o *terminus a quo* fornecido por Houaiss e Villar (2009), mas uma forma alternativa, a locução verbal *dar a usura* (que não é exclusiva ao português, cf. sardo *donau a usura*), se registra nas *Cantigas de Santa Maria* (1264-84; fonte: CIPM):

*Ca muit' é cousa sen guisa de fazeren avolezas
os que creen ena Virgen, que é Sennor de nobrezas,
que mais ama limpidõe que avarento requezas,
e piadad' e mercee ca judeu dar [a] usura.
(Afonso X, CSM312, 1264-84)*

O texto mais antigo em que o vocábulo foi localizado em português, nesta pesquisa, é o *Supplement au nouveau dictionnaire des langues françoise et portugaise*, de Joseph Marques, de 1775 (Google Livros). A abonação é o verbete a seguir:

*Agioter, v. a. Usurar, commerciar com usuras intoleraveis, e illicitas, fazer usuras.
(Supplement au Nouveau Dictionnaire..., 1775, p. 19)*

Aqui pode ser observada a especialização e intensificação do sentido que seria prototípico a esse verbo, ‘praticar usura, fazer empréstimos a juros’, em que *usurar* é especificamente ‘emprestar a juros abusivos’ ou ‘vender a preços exagerados’, o que caracteriza ainda prática criminosa. O sentido sem essa especialização é abonado por um verbete

²⁸ Cf. <http://tlio.ovi.cnr.it/TLIO/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

²⁹ Cf. <https://www.le-tresor-de-la-langue.fr/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

do segundo tomo do *Diccionario da Lingua Portuguesa*, de António Moraes da Silva (1813), também consultado através do Google Livros:

USURÁR, v. n. *Dar dinheiro á usura, ou ao ganho.*
(*Diccionario da Lingua Portuguesa*, Tomo Segundo, p. 824)

Ambos os significados permanecem em português e são comuns às outras línguas românicas. A relativa uniformidade semântica e o fato de as abonações dessa forma virem sobretudo de dicionários parece indicar que não teve ou teve pouca difusão popular, estando restrita a espaços jurídicos e ao debate econômico.

Pela proposição acima exposta, *usurar* seria um cultismo latino emprestado às línguas românicas na Idade Média, sendo um verbo denominal resultante da conversão de um nome de participial. Resumida, sua etimologia é:

QUADRO 5 – Etimologia de *usurar*

port <i>usurar</i> sXIV ^{HOUAISS} < lat med <i>usurare</i> 1188 ← lat <i>ūsūra</i> 191 a.C.
--

Fonte: Elaboração própria.

5 *Usureiro/usurário*

A razão pela qual se preferiu reunir *usureiro* e *usurário* em uma mesma seção é o fato de serem resultados divergentes do mesmo étimo, situação comum a pares corradicais com os sufixos *-eir(o)* e *-ári(o)*. Para uma descrição pormenorizada do desenvolvimento histórico desses dois sufixos desde o latim até as línguas românicas e do espectro semântico que recobrem nesse grupo linguístico, consulte-se o estudo de Simões Neto (2020). As evidências mais antigas do lat *ūsūrārīus* são do século II a.C., ainda no latim arcaico (cf. Seção 3). É novamente em Plauto, na peça *Curculio*, que se encontra o exemplo mais antigo. O sentido primevo seria ‘que serve ou é adequado ao uso, de que se tem uso ou proveito’³⁰ (LEWIS; SHORT, 1879), o que tornaria a palavra latina semelhante ao port *utilitário*. A abonação é do *Corpus corporum*:

³⁰ Trad. nossa do original “That serves or is fit for use, of which one has the use or enjoyment”.

*cupio aliquem emere puerum, qui usurarius nunc mihi quaeratur.*³¹
(Plauto, *Curculio*, 3, 1; 5. sII a.C.)

Como derivado em *-ārīus* (lat *ūsūrārīus* ← lat *ūsūra* 191 a.C. + *-ārīus*), *ūsūrārīus* apresenta na averbação o sentido que seria prototípico a formas com esse sufixo. Em outra obra atribuída também a Plauto, *Truculentus*, do mesmo século, é possível observar uma especialização semântica, denotando o derivado o sentido de ‘que diz respeito a juros, de que se cobra juros’³² (LEWIS; SHORT, 1879). Tal constatação interessa muito à pesquisa etimológica, pois revela que os dois significados de *ūsūrārīus* já conviviam no século II a.C., o que implica ainda que *ūsūra* provavelmente teria um sentido especializado, relativo a *juros*, muito antes da primeira atestação dessa acepção, no século I a.C., e que ele conviveu por muito tempo com o sentido relativo a *uso*. As palavras, diz Viaro (2009b, p. 142), “já nascem polissêmicas”. O exemplo, novamente, é tomado do *Corpus corporum*:

*quos quidem quam ad rem dicam in argentariis referre habere, nisi pro tabulis, nescio, ubi aera prescribantur usuraria: accepta, dico, expensa ne qui censeat.*³³
(Plauto, *Truculentus*, 1, 1; 8. sII a.C.)

O primeiro significado latino foi perdido em português e nas línguas românicas, porém o segundo é atestado nas duas formas. O exemplo de *usurário* é do *Corpus do Português* (DAVIES, 2006-2018) e o de *usureiro* está no Livro IV da *Collecção da legislação antiga e moderna do Reino de Portugal* (1786), documento acessado pelo Google Livros. Esse livro transcreve as *Ordenações do Senhor Rey Dom Affonso V*, o que aponta (junto com a ortografia) para um original medieval, que teria sido escrito no reinado desse monarca, no século XV. Serão necessárias, porém, a expansão dos *corpora* e uma nova pesquisa para precisar a datação do texto.

³¹ Em tradução livre: “desejo comprar alguém, um menino, que sirva ao uso que agora me é desejado”.

³² Trad. nossa do original “Of or belonging to interest or usury, that pays interest”.

³³ Tradução: “Eu não sei dizer com que finalidade eles permanecem junto dos banqueiros, a não ser para servir de tabuinhas onde se fazem os registros dos dinheiros relativos a juros – refiro-me aos dinheiros recebidos, não vá alguém pensar em dinheiros gastos.” (PLAUTO, Trad. Adriano M. Cordeiro, 2010)

Com ganho **usurário** recompensarei os esmaltes da minha descendência
(Amaro Roboredo, *Centúrias*, 1619-21)

*E aquella que o contrairo fizer, e ouver de receber gaança algũa do dito
contrauto, perca todo o principal, que deu, por aver a dita gaança [...] e per aqui entendemos, que poderá contrauto **usureiro** tam ilicito
da nossa terra, e Senhorio seer esquivado.*
(*Collecção da legislação antiga...* Livro IV. 1786, p. 94-95)

A transformação que viria a gerar um sufixo agentivo *-eir(o)* em português (e nas outras línguas românicas) se manifesta ainda em latim (cf. SIMÕES NETO, 2020; VIARO, 2011a), e é o que se pôde observar nas buscas para o artigo, com este exemplo de Ambrósio, Bispo de Milão (*Corpus corporum*):

*Usurarius est egenus, cogentibus vobis, habet quod reddat:
quod impendat, non habet.*³⁴
(Ambrósio de Milão, *De Tobia*, 14. 0763B. sIV d.C.)

O que se identifica é uma metonimização. Da coisa *usurária*, passa-se à pessoa *usurária* e, finalmente, ao *usureiro/usurário*, o que pode ser representado pela sequência de paráfrases: ‘(a coisa) de que se cobra juros’ >> ‘(a pessoa) que cobra juros’ >> ‘a pessoa que cobra juros’, em que primeiro a palavra ganha um sentido ativo, mas ainda é dependente do núcleo de um sintagma nominal (a pessoa, o profissional *que faz X*), e depois, por omissão desse núcleo, torna-se ela mesma o elemento central do sintagma nominal (*o que faz X*, cf. VIARO, 2011a). Ambos os derivados possuem, em português, o significado agentivo. O primeiro exemplo é das *Cantigas de Santa Maria* (CIPM), que é também o *terminus a quo* de *usureiro*, e o segundo do livro *Maria rosa mystica* (1686), do Padre António Vieira, consultado via Google Livros:

*Ca ben como se lle ouvesse dito Santa Maria: “vai, e dar-ch-ey
quito teu fillo do **usureiro** maldito”*
(Afonso X, *CSM062*, 1264-84)

³⁴ Em tradução livre: “o usurário é pobre, recolhendo de vós, tem o que dá: o que gasta, não tem”.

[...] & com tudo Christo Senhor nosso diz que tendo hum destes **usurarios** dous devores, hum que lhe devia cincoenta dinheiros, & outro quinhentos, a ambos perdoou a divida.
(Pe. António Vieira, *Maria rosa mystica*, v. 1, p. 473, 1686.)

Por uma intensificação e especialização do sentido, primeiro com *usureiro* (e depois com *usurário*), a referência que se faz é a alguém que ‘empresta a juros abusivos, vende a preços excessivos, um agiota’. O exemplo de *usureiro* (*vsureyros*) a seguir é de Machado Filho (2019, p. 693), e o de *usurário* é extraído do *Corpus do Português* (DAVIES, 2006-2018). Machado Filho (2019) traz também a definição ‘avarento’ para o mesmo verbete, porém esse sentido não é tão claro com a única abonação fornecida:

confessese se tomou esmola dos publicos roubadores ou publicos vsureyros ou dos desfazedores dos pobres ou dos que estan en mal querença.
(*Tratado dos sacramentos da ley antiga e NOVA*, 1399. Fólio 64, reto, coluna 1)

*Porque o dinheiro que tem por idolo, & a quem em tudo obedece lhe manda que jure falso, seja **usurario**, & venda por mais do justo preço, inda que Deos vivo lho defenda.*
(Amador Arrais, *Diálogos*, 1589)

Com a abonação retirada de Davies (2006-2018), há um recuo no *terminus a quo* de *usurário* fornecido por Houaiss e Villar (2009) e Cunha (2010), já que ambos datam a forma de 1614, mas a ocorrência identificada nesta pesquisa é de 1589. *Usurário*, como forma divergente de *usureiro* a partir do mesmo étimo, transmite-se inicialmente por via erudita, tomado de empréstimo diretamente do latim escrito, mas ganha terreno onde se usava apenas *usureiro*, de transmissão popular. Quanto à conexão entre o *usureiro* e a característica de ser *avarento*, mesmo sem evidência textual definitiva de que existia já na Idade Média a intercambialidade ou sinonímia parcial das formas (p.ex., *velho avarento* = *velho usureiro*), é visível a associação entre a profissão e a *avareza*, como expresso nas *Cantigas de Santa Maria* (CIPM):

*Ena vila u foi esto avia un **usureiro**
mui riqu’ e mui’ orgullos’ e sobervi’ e tortiçeiro;
e por Deus nen por sa Madre non dava sol nen dinneiro,
e de seu corpo pensava mui’ e de sa alma nada.*
(Afonso X, *CSM075*, 1264-84)

A conceptualização do *usureiro* como alguém *avarento* é recorrente na Idade Média (cf. LE GOFF, 2004 e a Seção 3 deste artigo), e não é difícil visualizar o desenvolvimento pelo qual, com atuação da metonímia, as duas formas se tornaram sinônimas, seja no Medievo (cf. MACHADO FILHO, 2019), seja em momento posterior. Note-se o paralelismo da evolução semântica de *usureiro* e *usurário*, intercambiáveis em português moderno. Houaiss e Villar (2009), por exemplo, limitam-se a indicar, na definição do verbete *usureiro*, a sinonímia com *usurário* e, outrossim, o faz Ferreira *et al.* (2004), acrescentando uma remissão a *avaro*. A próxima abonação de *usurário* (do Google Livros) exemplifica o significado *avarento* e a concretização da metonímia (que supõe ainda uma generalização) ‘é comum que *usurários* sejam *avarentos*’ >> ‘todo *usurário* é *avarento*’ >> ‘*usurário* = *avarento*’:

*E nem o lastimoso espectáculo de experimentarem vigorosamente as tres maiores perseguições de peste, fome, & guerra abrandava os animos dos **usurarios** & ambiciosos para dexarem de perseguir com avareza & malicioso engano aos
 q̃ não haviam chegado à ultima miseria.*

(Luis de Menezes, *Historia de Portugal restaurado*, 1679, p. 874)

Usureiro não foi localizado em *corpora* dialetais do português brasileiro e, muito provavelmente, é uma palavra desusada; já *usurário* ‘avarento’ é comum no APFB e, no restante do Nordeste, está presente com o mesmo significado em Sergipe e na Paraíba (ARAGÃO, 2014; ARAGÃO; MENEZES, 1984), além de ser amplamente dicionarizada com essa acepção.

Como exposto acima, *usureiro* compõe o léxico herdado e *usurário* é um empréstimo latino do século XVI (talvez do séc. XV). Ambos se formaram por derivação sufixal a partir de um nome de participial (*usura*) e funcionam tanto como substantivos como adjetivos. O Quadro 6 resume a etimologia do par:

QUADRO 6 – Etimologia de *usureiro*/*usurário*

port <i>usureiro</i> 1264-84 < (* <i>usurairo</i> <) lat <i>ūsūrārīum</i> ~ <i>ūsūrārīus</i> sII a.C. (← lat <i>ūsūra</i> 191 a.C. + <i>-ārīus, a, um</i>) > port <i>usurário</i> 1589
--

Fonte: Elaboração própria.

6 Usurável

Usurável, que no APFB apresenta os significados de ‘avarento’ e ‘invejoso’, é uma forma para a qual não se encontrou atestação em latim. O rastreamento permitiu identificar formas equivalentes em francês, em castelhano, em catalão, em italiano e em inglês, mas esse é um número de línguas insuficiente para uma reconstrução. Tanto o português como o catalão, além disso, poderiam ter recebido a forma como empréstimo de qualquer uma das outras, o que enfraqueceria ainda mais qualquer tentativa de reconstruir um étimo latino. A maior pista que se tem sobre a transmissão de *usurável* são as datações que a busca revela:

QUADRO 7 – *Termini a quo* de *usurável* e de equivalentes em outras línguas

francês	italiano	inglês	castelhano	catalão	português
<i>usable</i> 1336	<i>usurabile</i> 1850	<i>usable</i> 1879	<i>usable</i> 1895	<i>usable</i> 1913	<i>usurável</i> 1963
DMF (2015)	Google Livros	Google Livros	Pesquisa avançada do Google	Google Livros	APFB (1963)

Fonte: Elaboração própria.

É perceptível a enorme diferença entre a datação do francês *usable*, 1336 (do *Dictionnaire du Moyen Français*³⁵ — DMF, 2015), e todas as demais. Mesmo que esses *termini a quo* possam ser recuados com o rastreio em novos *corpora*, não há, por enquanto, evidências de que uma forma como essa tenha existido em latim, e a proximidade das datações em inglês, italiano, castelhano e catalão torna improvável a formação independente da palavra em todas essas línguas, favorecendo o caso de um empréstimo francês. Não se deve defender verdades categóricas em questões de Etimologia, uma vez que tais verdades inexistem e as línguas, não raro, surpreendem a cada nova investigação. Sendo assim, toda descrição etimológica é uma proposta de caráter provisório, de acordo com o melhor que se tem em mãos, pronta para ser aperfeiçoada ou mesmo rejeitada à luz de novos dados. Dito isso, e com base não só nas datações, mas reconhecendo o francês como importante fonte de empréstimos para a língua portuguesa, o melhor que se pode propor é que

³⁵ Disponível em: <http://www.atilf.fr/dmf>. Acesso em: 21 ago. 2020.

usurável seja um galicismo, tendo por étimo o fr *usable* ‘que se usura, usurário’, formado do verbo fr *usurer* ‘usurar’ + *-(a)ble*. A abonação do étimo a seguir é de Godefroy (1880-1895, p. 124):

*Il estoit tenus et obligies, en pluseurs gries debtes **usurables**, lesquelles paier ne pooit se, par droite necessité, aucuns de ses hiretages n'estoient vendus. (C'est dou pooir que Jehans de Tournay..., 1336. S.-Brice, Arch. Tournai.)*

O mesmo significado (não mais encontrado no francês, em *corpora* recentes) se encontra em português, como se observa no exemplo a seguir, extraído do portal do Senado Federal:³⁶

*Por exemplo, enquanto o sistema financeiro, tomando dinheiro ao preço de uma inflação que, felizmente, mal alcança 1%, chega a emprestar esse dinheiro a até 10% ao mês, ou dez vezes a inflação, como no caso de cheques especiais e cartões de créditos, num País de cidadãos endividados, contribuindo de forma **usurável** com a estabilização da moeda [...]*
(Pronunciamento de José Alves em 15/01/1999)

Nota-se, em português, mais uma vez por metonímia, que a paráfrase ‘que se usura, de que se cobra usura’ também pode ser interpretada como ‘que usura, que cobra usura’, em outras palavras, não só caracteriza um *paciente*, mas ainda um *agente*, e disso resulta transformação análoga à de *usurário* e *usureiro*, já que a associação ao sujeito da prática usurária gera a sinonímia de *usurável* e *avarento*, o que é documentado no APFB (ROSSI *et al.*, 1963):

[usurável] gente ruim, que tem pena de dar de comer a uma pessoa.
(APFB, Carta 104, P-16, inf. A)

Mesmo que os textos não ajudem tanto na definição de uma cronologia, o desenvolvimento de *usurável* encontra muitos paralelos em *usurário/usureiro* e *usura*, e é pela história da base lexical que pode ser explicada a polissemia de *usurável*. Pela sinonímia *cobiça* = *ganância* = *usura*, pode-se supor metonímia e pejoratividade atuando sobre o significado ‘que cobra usura’, o que geraria o sentido ‘cobiçoso, ganancioso’ para essa palavra. Em outros termos: o sujeito que dá

³⁶ Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/pronunciamentos>. Acesso em: 21 ago. 2020.

empréstimos usurários, o faz porque tem cobiça ou ganância, logo *usurável* é ‘que(m) cobiça’. Por fim, uma especialização restringiria essa cobiça ao que é alheio, e *usurável* seria ‘que(m) cobiça (especificamente) o alheio (os bens, as características, a posição etc.)’. Essas observações são apontadas em comentários dos informantes do APFB (em notas):

[*usurável*] quando tem usura pelo que é dos outros.
(APFB, 1963, Carta 104, P-10, inf. A)

[*usurável*] pessoa que não pode ver outra com nada, olho grosso, invejoso.
(APFB, 1963, Carta 104, P-7, inf. A)

[*usurável*] invejoso, tem usura pelo que é dos outros.
(APFB, 1963, Carta 104, P-29, inf. A)

Quanto às suas realizações fonéticas no APFB, a forma *usurável* ocorre com aférese em dois pontos: [zu' ravi] (ponto 40) e [zu' ravi] (ponto 30). Essas variantes (junto com [zu' rētu], para *usurento*, e [zu' raru], para *usurário*), como se verá nas seções 9 e 10, foram importantes para a explicação da formação de *zura* e *zuraco*. Há ainda uma realização que mostra flexão de gênero: [uzu' rava] (ponto 48); o que é interessante, visto que adjetivos em *-vel* não costumam ser flexionados. Uma explicação possível seria a redução do segmento final e sua realização como [vu], como em [uzu' ravu] (pontos 23 e 25), que permitiria a analogia com outras formas em *-o*, que geralmente admitem flexão.

Cardoso e Ferreira (2000), em *O léxico rural*, registram a existência de *usurável* com o significado de ‘avarento’ em Sergipe, que, junto com a Bahia, pertence à área dialetal baiana (NASCENTES, 1955). Essa forma não foi encontrada em nenhum outro *corpus* dialetal consultado, o que parece indicar uma distribuição diatópica, sendo *usurável* mais comum nos falares baianos. Deve-se mencionar, por fim, a identificação de um homônimo, *usurável*₂, ‘que pode sofrer desgaste ou corrosão, fácil de se corroer’, pelo Google Livros. Sua etimologia ainda não é suficientemente conhecida, mas não teria relação com *usurável*₁ ou *usura*₁. Por seu sentido, há uma clara associação com *usura*₂ (cf. Seção 3). Equivalentes estão presentes em francês, inglês e italiano, porém os dicionários só registram o it *usurabile*. Nessas línguas, tais formas ocorrem em lojas virtuais, nas indicações de garantia dos produtos, p.ex. “as partes usuráveis (i.e., desgastáveis) não são cobertas pela garantia”.

Conforme a proposta que aqui se expôs, *usurável* seria um empréstimo francês, embora a datação de sua entrada em português ainda não esteja bem esclarecida. É um adjetivo deverbal, formado por derivação sufixal do verbo fr *usurer*, sendo sua etimologia resumida a seguinte:

QUADRO 8 – Etimologia de *usurável*

port <i>usurável</i> 1963 < fr <i>usable</i> 1336 ← fr <i>usurer</i> 1300-50 + -(a)ble
--

Fonte: Elaboração própria.

7 *Usuroso*

Usuroso não teve equivalente identificado nos textos latinos, e é uma forma que oferece certo número de complicações. Primeiro, só conta com uma realização no APFB, [auzu'rozu] (Carta 105, P-17, inf. B), e poderia ser apenas uma instância de criatividade lexical, em que o falante acede ao *léxico virtual* (BASILIO, 2004); segundo, a coexistência de duas bases nas línguas românicas, *usura* e equivalentes (presentes em todas as línguas românicas e no inglês) e outra que teria por étimo o latim medieval *usuria* (que foi encontrada como palavra em galego, castelhano, francês, sardo e inglês e somente como base de derivados no catalão e no italiano), cria divisões na preferência por uma ou outra e impede o estabelecimento de relações diretas necessárias à tentativa de reconstrução do étimo. E, finalmente, as datações não permitem o estabelecimento de uma cronologia mais ou menos regular.

Até o momento de finalização do rastreamento (julho/2020), formas em *-os(o)* a partir de bases equivalentes ao português *usura* foram encontradas em castelhano, italiano e inglês. De todos os materiais utilizados na busca, *usuroso* só gerou resultados em português no APFB, em *O léxico rural* (CARDOSO; FERREIRA, 2000) e na pesquisa avançada do Google. *O léxico rural*, no entanto, glosa as lexias do APFB e do *Atlas Linguístico de Sergipe* (FERREIRA et al., 1987), e a ocorrência da forma ali deve-se ao APFB. Como o resultado mais antigo fornecido pela pesquisa avançada do Google é de março de 2020, a datação mais recuada que se tem é a do APFB, 1963. Em inglês, o Google Livros permite datar *usurous* de 1716, mas essa forma é definida no *Collins*

*English Dictionary*³⁷ como ‘uma variante obsoleta de *usurious*’,³⁸ sendo o único dicionário consultado que a registra. Em castelhano e italiano (cf. QUADRO 2), a pesquisa avançada do Google encaminhava a publicações em blogs de 2012 e 2016, respectivamente. Nenhuma dessas datas é convincente como *terminus a quo*, ainda mais considerando que as formas românicas em *-oso* partindo do lat *usuria* começam a aparecer no século XV, sendo o fr *usurieux* a primeira, em 1497 (DMF, 2015), e seria estranho o empréstimo inglês nesse caso, sendo a forma pouco frequente naquela língua e estruturalmente latino-românica.

Curioso é que os derivados de **usur-** em *-oso* estão quase inteiramente ausentes dos dicionários. Somente o ing *usurous*, como dito, está em um dicionário moderno, e o fr *usurieux* no DMF (2015), o que pode indicar a atuação pancrônica de um paradigma sufixal latino extremamente produtivo, *X-ōsus*, que se espalhou para fora dos limites românicos (o inglês é língua germânica) e que forma lexias transparentes, facilmente interpretadas através da paráfrase desse sufixo, ‘provido de X’. Sendo assim, se o conhecimento de língua do informante no APFB põe o par *usura* e *avareza* como sinônimos, quem tem *avareza* é o *usuroso* assim como quem tem *ganância* é o *ganancioso*. A mesma explicação seria válida para qualquer outro significado de *usura*. A real resposta, no entanto, é que ainda não se sabe o suficiente, e a etimologia é incerta. Sabe-se que a base é *usura* ou cognato em outra língua e o sufixo é *-os(o)* ou equivalente estrangeiro, mas a palavra realmente surgiu independentemente em todas essas línguas? Quando surgiu? Transmitiu-se já formada de uma língua às outras? Nada disso é conhecido ainda.

Uma consulta ao *Twitter* (que não gera resultados pelo Google) em junho de 2020 identificou que *usuroso* tem certa frequência em publicações em língua espanhola e italiana na plataforma, porém isso é outra pesquisa em si mesma e não poderia ser tratado neste artigo. Como abonação de *usuroso* em português, o trecho abaixo é da seção de comentários do arquivo de um canal excluído do *YouTube*, encontrado através da pesquisa avançada do Google, em que há clara depreciação no uso da palavra:

³⁷ Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/usurous>. Acesso em: 21 ago. 2020.

³⁸ Trad. nossa do original “an obsolete variant of *usurious*”.

[...] a maioria dos cristão dessa geração é **usuroso**, vigarista, mentiroso, ganancioso, individualistas, enroladas e caloteiros. Apenas usa o termo e a igreja para fazer nome, se popularizar, galgar cargos criar mecanismos corporativismo para interesses particulares.

(Abraão Ferreira *O Realista*.³⁹ Seção de comentários, março de 2020)

Em resumo, *usuroso* é um adjetivo denominal de etimologia incerta, formado por derivação sufixal a partir de um substantivo departicipial.

8 *Usurento*

Apesar de mais comum no APFB que *usuroso*, *usurento* (4 ocorrências) também não teve um equivalente latino identificado, e tampouco foi observada a ocorrência de formas equivalentes nas outras línguas, com exceção apenas do castelhano. O cast *usuriento* foi identificado em uma publicação de blog de 2012, através da pesquisa avançada do Google (não se sabe ainda que peso a ausência do galego nas opções desse mecanismo teria tido aqui). A oposição entre português e castelhano e as outras línguas românicas pesquisadas pode apontar para uma conexão ibero-românica, uma vez que o sufixo *-ent(o)* é produtivo nas duas línguas. Apenas com dados do espanhol e do português e sem evidências claras de empréstimo, a explicação de que o derivado foi formado independentemente em ambas seria mais provável que a reconstrução de um étimo latino em *X-entus*. Essa é uma das dificuldades da comparação entre línguas muito próximas: suas estruturas são semelhantes, e, onde convergem, é difícil atribuir a origem a um ou a outro sem evidência textual. Acrescentar dados de outras línguas ibero-românicas, como o leonês e o aragonês, poderia ajudar, mas não sem levantar o mesmo problema. Melhor seria, de fato, uma atestação em latim, ou fora do grupo ibero-românico para confirmar que a forma é herdada, o que parece não ser o caso.

A forma pode ser ainda um hispanismo em português, ou um lusitanismo em espanhol, ou ser uma formação independente nas duas línguas. Como no caso de *usuroso*, não se sabe o suficiente para uma resposta segura. Se interpretada através da paráfrase do sufixo *-ent(o)*,

³⁹ Disponível em: <https://armemory.info/users/7hw3qJxXCG4sBZuMP7IEaA.html>. Acesso em: 21 ago. 2020.

‘que tem X’ ou ‘que faz X’, comumente com sentido pejorativo e frequentativo (cf. port. *briguento*, *catarrento* etc.), é uma formação transparente e derivaria da base *usura* ou o equivalente em latim, espanhol ou em outra língua ibero-romance, com o sufixo supracitado. Essa derivação pode ter ou não sofrido analogia formal de *avarento*. Uma consulta ao *Twitter*⁴⁰ (08/06/2020) também identificou *usurento* na plataforma, e essa é a fonte do seguinte exemplo:

FIGURA 1 – Abonação de *usurento*



Fonte: *Twitter*.

Recapitulando, *usurento* tem etimologia ainda incerta. É formado por derivação sufixal a partir de um substantivo de participial, *usura* ou equivalente em outra língua, sendo, portanto, um adjetivo denominal.

9 Zura

A identificação de *zura* (e também de *zuraco*) com a família lexical estudada foi estabelecida por duas razões: 1) a indicação dos dicionários

⁴⁰ Disponível em: <https://twitter.com/>. Acesso em: 08 jun. 2020.

(FERREIRA *et al.*, 2004; HOUAISS; VILLAR, 2009; Priberam; Caldas Aulete; *Infopédia*) de que essa forma derivaria de *usurário*; e 2) as realizações aferéticas de *usurário*, *usurável* e *usurento* no APFB ([z] *uraro*, [z] *urave* e [z] *urento*). Mesmo que *zura* não ocorra nesse atlas, há certo padrão fonético em todas essas formas e seu significado ‘avarento, sovina’ cria inegável conexão entre ela e as outras lexias populares. De acordo com o *Dicionário Gaúcho* (OLIVEIRA, 2002), acessado pelo Google Livros, *zura* seria regionalismo do Rio Grande do Sul, mas se sabe pouco sobre sua distribuição diatópica para confirmar isso.

Admitida a hipótese dos dicionários, tratar-se-ia de um *truncamento* (GONÇALVES, 2016), com a supressão de partes da palavra para gerar um derivado. Dado que a forma não possui *u*-inicial, não derivaria diretamente de *usurário*, mas de *zuraro*. Assim se teria *zuraro* → *zura*, desenvolvimento comparável aos exemplos de Gonçalves (2016): *português* → *portuga*, *comunista* → *comuna*. O maior problema seria a datação, pois *zuraro* é atestado, nos materiais desta pesquisa, em 1963, e *zura* pôde ser datado de 1954, pelo Google Livros. Essa diferença é, contudo, pequena, não rechaçando completamente a possibilidade de *zuraro* ser mais antiga, e a fonética parece fortalecer a proposta da variante aferética de *usurário* como base derivacional, já que a aférese atuou e continua atuando na história no português, p.ex., lat *episcōpum* > port *bispo* e port *aguentar* > [gwẽ'ta] (VIARO, 2014), corroborando a ideia de que *usurário* > *zuraro* anteceda a formação de *zura*.

O texto mais antigo em que *zura* foi encontrado é um periódico identificado pelo Google Livros como *Anhemi* (1954, v. 14), sem identificação de autoria. A forma está na página 371,⁴¹ no trecho transcrito a seguir:

Escuta, galego zura, você já juntou dinheiro que dá prá pagá um navio prá trazê os peitos dela, e outro prá o rabo dela, também, não é?
(*Anhemi*, v. 14, p. 371, 1954)

Há claro sentido depreciativo e vulgar no uso acima, o que seria também uma concordância semântica com alguns exemplos de truncamento (*comuna*, *vagaba*). ‘Avarento’ é o único sentido encontrado

⁴¹ Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=TEUMAQAIAAJ&dq=editions:STANFORD36105128997256&hl=pt-BR&lr=>. Acesso em: 21 ago. 2020.

para essa forma. Todos os dicionários de língua portuguesa consultados apontam *zura* como brasileirismo, e nenhum equivalente foi encontrado nas outras línguas românicas.

Zura muito provavelmente é derivado de *zuraro*, variante fonética de *usurário*, e possui conotações pejorativas. É um adjetivo deadjetival, tendo sido formado por truncamento da base derivacional. O quadro seguinte resume sua etimologia:

QUADRO 9 – Etimologia de *zura*

port <i>zura</i> 1954 ← port <i>zuraro</i> ≈ <i>usurário</i> 1589 (< lat <i>ūsūrārius</i> sII a.C.)

Fonte: Elaboração própria.

10 *Zuraco*

Como *zura*, *zuraco* também é registrado nos cinco dicionários de língua portuguesa consultados. Não foi encontrado em outras línguas, e seria exclusivo ao português. Ferreira *et al.* (2004) e Houaiss e Villar (2009) apontam-no como regionalismo do Sul. O *Dicionário Gaúcho* (OLIVEIRA, 2002) e o *Dicionário de cearensês: a cultura do povo cearense* (CAVALCANTE, 2012) apontam *zuraco* como regionalismo gaúcho e cearense, respectivamente, o que na verdade implica que a lexia tem distribuição mais ampla no Brasil. Todos a definem como ‘avarento’, mas poderia ser usada em outros sentidos de *usurário*, conforme revela a abonação seguinte (Google Livros):

Zuraco, adj. Usurario. -« Este *zuraco* empresta dinheiro a vinte por cento ao anno.»

(*Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, v. 16, p. 223, 1914)

O que os dicionários fornecem como etimologia para *zuraco* é que teria sido derivado de *zura* + *-aco*, tendo o sufixo uma carga pejorativa (cf. *-aco*, em Cunha (2010)). A datação identificada nesta pesquisa impõe, todavia, um problema. É verdade que o *terminus a quo* encontrado para *zura* (1954) poderia ser recuado com uma expansão dos *corpora*, mas um fator importante deve ser acrescido à equação: os dicionários ignoram ou desconhecem as três formas com aférese encontradas no APFB (*zuraro*, *zurave* e *zurento*), logo a única palavra que lhes resta para comparação é

zura. Considerando a frequência da aférese de vogais iniciais (cf. VIARO, 2014), a maior antiguidade de *zuraco* dentro dos limites deste artigo, a produtividade da base *usura* e a existência de um paradigma aferético nessa família léxica, não é implausível propor que *zuraco* (1914) seja na verdade derivado de **zura* (< *usura*) + *-aco* ou ainda resultado da queda do [u] inicial em **usuraco* (← *usura* + *-aco*). Não se pode dar uma resposta definitiva, e uma explicação dupla é possível nesse caso, reforçada pelos dados do português popular.

Zuraco é um adjetivo denominal, formado por derivação sufixal. O afixo *-aco*, que é depreensível nessa palavra, tem carga semântica pejorativa. A pesquisa aponta para uma explicação etimológica dúplice, como se resume no Quadro 10:

QUADRO 10 – Etimologia de *zuraco*

port *usura* 1264-84 > port **zura* ‘usura’ + *-aco* → port ***zuraco***
 1914 < port **usuraco* ← port *usura* 1264-84 + *-aco*

Fonte: Elaboração própria.

11 *Usurariamente*

Usurariamente é um derivado encontrado principalmente em dicionários (Priberam, *Infopédia* e Caldas Aulete) e tem constituição morfológica transparente, como a maioria das palavras em *-mente*. Não parece ter difusão fora da linguagem escrita e formal. A pesquisa identificou cognatos em francês, castelhano, catalão e italiano. A forma francesa, *usuragement*, datada de 1448, é a mais antiga e é o étimo mais provável para as outras formas românicas. O maior indício disso é que a atestação mais recuada desse advérbio em italiano (1717), castelhano (1744) e português (1758) está em dicionários bilíngues de francês (consultados pelo *Google Livros*). A própria ocorrência no dicionário da Porto Editora é como tradução do fr *usuragement*. A forma catalã, *usurariament*, é atestada em um dicionário multilíngue de 1839 (*Diccionari Catalá-Castellá-Llatí-Frances-Italiá*, 1839, de autoria não identificada), e é temporalmente mais distante dos outros. Considerada, porém, a posição do francês como língua de prestígio na maioria das cortes europeias no século XVIII, a hipótese mais provável é o empréstimo ou decalque a partir do francês, dada a natureza dos

documentos onde são atestadas (dicionários bilíngues), não obstante serem possíveis como formações vernáculas. O fr *usurairement*, por sua vez, é derivado de *usuraire* 1340 (DMF, 2015) + *-ment* e sua primeira atestação seria a seguinte (GODEFROY, 1895-1902):

Ont contracté usurairement avec gens de tous estats.
(Mai 1448, Ord., XIV, 20.)

Tem sentido prototípico, considerada sua base e o sufixo *-ment*, também de significação aparentemente uniforme. Esse é o mesmo sentido encontrado em português, e não foram identificadas transformações semânticas. A primeira atestação é no *Nouveau Dictionnaire des Langues Françoise et Portugaise* (1758),⁴² de Joseph Marques (*Google Livros*):

Usurairement, d'une manière usuraire. Usurariamente, por via de usura.
(*Nouveau Dictionnaire Des Langues Françoise Et Portugaise...* v. 1. 1758, p. 668)

Usurariamente é um galicismo. É um advérbio deadjetival, formado em francês por derivação sufixal em *-ment* a partir do fr *usuraire*. Sua etimologia pode ser resumida no Quadro 11.

QUADRO 11 – Etimologia de *usurariamente*

port <i>usurariamente</i> 1758 < fr <i>usurairement</i> 1448 ← fr <i>usuraire</i> 1340 + <i>-ment</i>

Fonte: Elaboração própria.

12 *Usurador*: confusão ou criação neológica?

Os primeiros rastreamentos não identificaram *usurador* em português. Uma das dificuldades para encontrá-lo foi a confusão que os mecanismos de pesquisa fazem entre essa forma e *usurpador*, que aparece como resultado nas buscas mesmo que entre as opções se selecione exatamente a primeira e se exclua a segunda de maneira explícita. Não raro, como se aludiu na seção de metodologia, a palavra estava em duas linhas (linha 1 *usur-* e linha 2 *pador*) e a sequência era identificada como *usurador*. Mas usos inequívocos dessa *forma*, seja ela considerada um

⁴² Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=3cRKAAAACAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 21 ago. 2020.

membro da família lexical explorada neste estudo, uma variante de *usurpador* ou mesmo uma amálgama das duas coisas, acabaram sendo localizados em revisões posteriores do trabalho. Ausente em todos os *corpora* de sincronias pretéritas, nos dicionários de língua e dicionários etimológicos de português, só foi identificada com a busca avançada do Google, em publicações na internet.

Dentro do conjunto de línguas examinadas, derivados em *-dor* ou equivalentes nessa família léxica foram encontrados em latim, galego, castelhano, catalão, francês e inglês (cf. QUADRO 2). O lat *usurator* ‘usureiro’ foi identificado em um vocabulário medieval recolhido por Thomas Wright (WRIGHT, 1884)⁴³ e é datado do século XV. A identificação em galego deu-se de forma indireta, pois está no título de um *e-book* anunciado pelo site da Amazon em espanhol, *Usurador do pavo real* (WURFEL, 2020),⁴⁴ sobre o qual se aponta: “edição galega”. A contração da preposição com o artigo definido (*de + o* → *do*) também impossibilita que o título esteja em castelhano. As ocorrências desta palavra para o castelhano e para o catalão foram encontradas pelo Google Livros. As atestações mais antigas, considerados os limites da pesquisa, estão no mesmo documento, o volume 5 da *Enciclopedia moderna catalana*, de Joseph Fiter (1913). Ela nos fornece o cat *usurador* como tradução para o fr *usuraire* e traduz essa mesma palavra com o cast *usurador* e *usurero*. A forma francesa, *usureur*, já existia no francês antigo (séc. XII) como *usureor* e é assim registrada em Godefroy (1880-1895). O rastreamento deste trabalho também identificou a palavra em francês moderno, em publicações na *web* (sobre a evolução de derivados *X-tōr* em francês cf. Nyrop, 1903 e o étimo lat *peccātōrem* > fr *pécheur* ‘pecador’). A forma inglesa, *usuror*, por sua vez, pôde ser datada de 1686 através do *Google Livros*. Seria prematuro atribuir como étimo das demais lexias a forma do latim medieval, dada a diferença nas datações e o fato do vocábulo francês apresentar-se com um resultado popular (*usureur* e não **usurateur*), o que faria do derivado latino em *X-tōr* muito mais antigo

⁴³ Acedeu-se ao material através do *Corpus of Middle English Prose and Verse*, mantido pela Universidade de Michigan. O texto pode ser consultado em: <http://name.umdl.umich.edu/CME00034>. Acesso em: 21 ago. 2020.

⁴⁴ Disponível em: https://www.amazon.es/Usurador-do-pavo-real-Galician-ebook/dp/B08415KB5G/ref=sr_1_1?_encoding=UTF8&dchild=1&qid=1597159107&refinements=p_27%3A+Dennis%5CcWurfel&s=digital-text&sr=1-1. Acesso em: 21 ago. 2020.

que a atestação do século XV. Curiosamente, entre as línguas românicas, essas formas se manifestaram (ou se preservaram) apenas em línguas da România Ocidental, embora os dados não deem ainda segurança a respeito de sua inexistência na România Oriental.

Em português, a atestação mais antiga obtida pela pesquisa avançada do Google é de uma publicação de 2013, em um fórum sobre futebol:⁴⁵

Portanto vendo Palandrê e o Irmão do Sócrates, questionarem o usurador de medalhas da CBF, vejo que estão batendo em prego enterrado [...]. (Meu Timão. Profissionais do futebol, são muito engraçados mesmo. 30/08/2013)

Há argumentos que podem sustentar a hipótese de que a forma não resulta de uma confusão com *usurpador*. O primeiro é que nessa situação específica *usurpador* não se encaixa muito bem. Embora tenha contiguidade de sentido com formas em **usur-**, por exemplo, *usurário*, no que se refere ao apoderamento injusto e abusivo de algo, *usurpador* não está necessariamente associado ao acúmulo, à avarizia, como está a série de derivados discutidos anteriormente. O contexto não corrobora a interpretação da usurpação de medalhas, e sim de seu acúmulo e/ou da cobiça a elas, o que geraria uma paráfrase plausível para uma forma *usurar* + *-dor*. O segundo é que tal formação é possível (existindo em línguas muito íntimas ao português), seguiria os padrões derivacionais comuns e se valeria de um esquema estabelecido e produtivo, *X-dor* (*armador*, *pegador* etc.). A estes um terceiro argumento poderia ser acrescido: palavras em **usurp-** estão mais circunscritas a poucos contextos, enquanto a família lexical de *usura* não só é relativamente mais produtiva dentro e fora da România (como o rastreamento feito constata), como também está presente na fala popular (nos atlas linguísticos) e em contextos informais na *web*.

Todavia, são poucos os resultados fornecidos pela busca avançada do Google e fez-se necessário, para esta lexia específica, recorrer a outros materiais para o contraste dos exemplos e o resgate de novas abonações que fortaleçam (ou enfraqueçam) a hipótese de *usurador* como membro da família lexical estudada em português. Foi-se então

⁴⁵ Disponível em: https://www.meutimao.com.br/forum-do-corinthians/off-topic/37949/profissionais_do_futebol_sao_muito_engracados_mesmo?pag=6. Acesso em: 21 ago. 2020.

ao *Twitter*, cujo mecanismo de busca permite restrições semelhantes à ferramenta avançada do Google. A consulta, feita em 29/07/2020, teve como resultados onze publicações. A primeira delas, de 2016, faz referência ao ex-presidente Michel Temer (2016-2018):

FIGURA 2 – Abonação de *usurador*



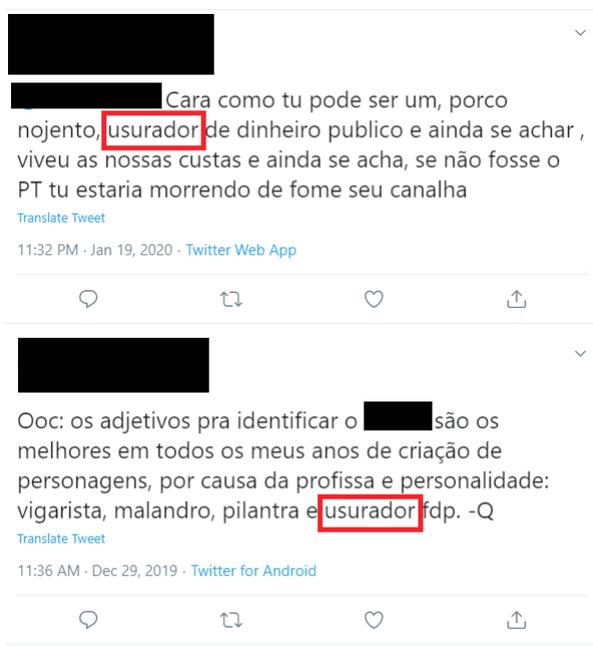
Fonte: *Twitter*.

Tendo assumido o governo durante o controverso processo de *impeachment* que levou à cassação do mandato da então presidenta Dilma Rousseff e sido classificado como golpista pelos apoiadores de sua antiga companheira de chapa, é fácil enxergar no exemplo uma referência a Temer como *usurpador*. Tratar-se-ia, como se poderia argumentar, de uma confusão com um MLB mais comum (**usur-** por **usurp-**) ou ainda um erro de digitação. Verdade seja dita, essa não é uma explicação impossível, mas ela desconsidera a existência da forma em outras línguas e a possibilidade de uma manifestação independente de *usurador* em português, que congregaria naquele uso a carga pejorativa comum a seus corradicais e sofreria, reconheça-se, certa analogia semântica com *usurpador*, de significação contígua.

Situação análoga é identificada em espanhol, com referências no *Twitter* a Nicolás Maduro, presidente da Venezuela, como cast *usurador*. Neste caso, o uso é muito mais frequente e certamente não se trata de mero equívoco ou confusão. A primeira ocorrência do cast *usurador* nessa rede social é de 2010, mas a forma se torna mais frequente depois do início do

governo Maduro, em 2013. Impõe-se aqui uma questão: seria *usurador* um empréstimo do espanhol venezuelano? Não necessariamente. Todas as razões já expostas e o primeiro exemplo trazido apontam para certa independência de *usurador* em relação a *usurpador*, porém a intercambialidade (i.e., sinonímia) entre as duas formas, verificável nas referências a Temer, talvez tenha sido influenciada pelo uso venezuelano. Se houve empréstimo da *forma*, ele não pode ser relacionado diretamente ao espanhol venezuelano pelas datações, e a plausibilidade da criação neológica enfraquece a hipótese de hispanismo. Os exemplos abaixo, em português, mostram usos menos ligados a *usurpador*:

FIGURA 3 – Abonações de *usurador* no Twitter



Fonte: *Twitter*.

Embora não sejam casos em que a substituição por *usurpador* é inadmissível, seria igualmente aceitável a troca por *usurário* ou outro sinônimo corradical. Apesar da existência de uma forma latina, o vácuo temporal que existe entre esta e a forma francesa e as formas castelhana e catalã e a recência da atestação galega e dos registros em português

parecem não sustentar a proposição de um étimo latino, pelo menos não para todas essas línguas. É possível que o latim vulgar do norte Gália tenha tido um derivado **usuratore*, mas se essa forma teve difusão fora da área onde os dialetos de *langue d'oïl* se formariam, poderia ter se arcaizado ou se perdido. O fr *usureur* sXII poderia ser o étimo do ing *usuror* 1686, mas sua esporadicidade levanta dúvidas. Menos provável ainda seria a palavra francesa, que não é dicionarizada, ter sido decalcada e dicionarizada no castelhano e no catalão no início do século XX como *usurador*, e o mesmo pode ser dito das formas galega e portuguesa: embora antigo, o vocábulo francês teve poucas atestações ao longo do rastreamento (que englobou sincronias diferentes) e o caso é distinto do aparecimento de *usurável* (que entra em várias línguas num curto espaço de tempo, 500 anos depois da atestação em francês) ou de *usurariamente* (cujas abonações mais antigas estão em dicionários bilíngues de francês). O fato de não se ter localizado atestações de formas em *X-dor* ou equivalentes em *corpora* medievais de outras línguas românicas de igual maneira dificulta a proposição de um étimo no latim vulgar, ainda que isso permaneça no campo da possibilidade. Por outro lado, a ocorrência aparentemente pontilhada no tempo das formas românicas talvez aponte, como no caso de *usuroso*, para a manifestação não de uma palavra, mas de um esquema derivacional pancrônico herdado por todas elas.

Usurador tem etimologia incerta, mas integra o impressionante grupo de oito sinônimos corradicais identificados nesta pesquisa. Sua constituição mórfica é transparente, com o tema de um verbo, *usurar* ou equivalente, e um sufixo derivacional, *-dor* ou equivalente. Tal seria válido nas várias hipóteses delineadas: criação neológica, empréstimo de outra língua românica ou ainda étimo no latim vulgar. É, assim, um substantivo deverbal.

13 Sinônimos corradicais em *usur-/zur-*: convivência, frequência, variação e mudança

A observação panorâmica da família lexical de *usura* conduz, inevitavelmente, à constatação da manifesta representatividade quantitativa das formas nominais sufixadas geradas em seu interior: *usurário*, *usureiro*, *usurável*, *usuroso*, *usurento*, *usurador* e *zuraco*. Das onze formas que compõem a totalidade do conjunto, sete são vozes nominais/adjetivais sufixadas (cerca de 2/3 dos elementos desse

paradigma léxico-semântico), todas correspondendo, junto com a forma truncada *zura*, ao sentido de ‘pessoa sovina’.

Se, de um lado, o emprego, numa mesma área dialetal (a dos falares baianos, captados pelo APFB), de pelo menos quatro dessas oito formas derivadas veiculadoras de um mesmo sentido comum (*usurário*, *usurável*, *usuroso* e *usurento*)⁴⁶ evidencia a sinonímia entre elas, podendo ser tomadas como um caso de *variação morfológica* (BAGNO, 2007; SIMÕES NETO, 2018), como *doublets lexicais* (SOLEDADE, 2004) ou *variantes derivacionais* (CAMBRAIA, 2010), desponta, de outro, como uma clara demonstração de que o chamado efeito de bloqueio (ARONOFF, 1976) não tem um alcance plenipotenciário sobre a emergência de lexias neológicas da língua.

A princípio, a ideia propulsada por Aronoff (1976), da existência de um efeito de bloqueio (*blocking*), é, sem dúvida, interessante e convincente. Consistiria, essencialmente, “[...] na não ocorrência de uma forma devido à simples existência de outra.” (ARONOFF, 1976, p. 43),⁴⁷ com o conseqüente impedimento da geração indiscriminada de sinônimos operados sobre uma mesma forma-base (ARONOFF, 1976). Como explica Viaro (2011b, p. 48), “[...] uma palavra formada com radical *x* e sufixo *y* é bloqueada se já houver, de antemão, uma outra com o mesmo radical *x* e sufixo *z*, sendo $z \neq y$ do ponto de vista do significante, mas $z = y$ do ponto de vista do significado.” Assim, ao falante lhe seria bloqueada a criação da forma **inconfiança* por já existir uma forma derivada que veicula o mesmo sentido visado: *desconfiança*. O bloqueio serviria, portanto, para explicar algumas lacunas existentes em processos morfológicos produtivos (ABREU, 2006; ARONOFF; ANSHEN, 1998), ou seja, a não aceitabilidade ou restrita frequência de palavras consideradas possíveis segundo os esquemas formativos da língua (DÍAZ HORMIGO, 2004-2005), o que não se confunde com o fenômeno da agramaticalidade. Sobre a natureza das restrições operadas pelo bloqueio, é interessante o que aponta Díaz Hormigo (2004-2005): o filtro atuante no não aparecimento, na modesta difusão ou na não

⁴⁶ A flutuação entre formas nominais corradicais sufixadas de MLB *usur-* não é exclusiva ao português, sendo atestada em outras línguas românicas, o que reforça o caráter não necessariamente fortuito e esporádico de tais derivados. Vide os Quadros 2 e 3.

⁴⁷ Trad. nossa. No original: “Blocking is the non-occurrence of one form due to the simple existence of another.”

consagração pela norma de formações virtualmente possíveis desde o ponto de vista do sistema pode dever-se a fatores de distinta ordem, desde fonológicos e morfológicos, até sintáticos, semânticos e pragmáticos.

Embora essa força de contenção, o bloqueio, ative-se exitosamente no impedimento da produção de algumas formas, não parece ser suficientemente robusta para barrar a emergência de inúmeras outras formas sinonímicas, dentre as quais estão os quatro adjetivos sufixados da família de *usura* supramencionados. Formas com o mesmo sentido central, usadas no mesmo contexto e na mesma área dialetal, compartilhando o mesmo MLB, e com uma única diferenciação: o elemento sufixal que contêm. Vê-se, assim, que as forças geradoras de inovação, nesses casos, conseguem prevalecer sobre as correntes de bloqueio, propiciando a manifestação do curioso fenômeno de coexistência de vocábulos corradicais sinonímicos.

Ao se considerar o uso estendido nas línguas de formas sinonímicas (corradicais ou não), vê-se que o bloqueio não tem um alcance absoluto (SOLEDADE, 2004) ou sistemático (DÍAZ HORMIGO, 2004-2005), mas sim, condicionado, ocorrendo de modo atrelado a outros aspectos, como a frequência de uso de dada estrutura vocabular (PLANK, 1981; RAINER, 1988), a sua acessibilidade lexical e armazenamento mnemônico (RODRIGUES, 2016) e a sua natureza semântica (grau de transparência, de composicionalidade, de prototipia/nuclearidade, de homonímia, de polissemia etc.). Assim, pode-se detectar o verdadeiro potencial do fenômeno do bloqueio: não se trata de uma força geral de impedimento para a geração de formas equivalentes/sinonímicas, mas sim, de um filtro, que se traduz no léxico em uma preferência por formas mais facilmente acessíveis, em detrimento de outras menos funcionais. Tal filtro, como perceptível, não tem um alcance plenipotenciário, permitindo, por exemplo, a coocorrência/concorrência de formas corradicais, mas quase sempre sinalizando o alçamento preferencial de uma delas sobre as demais; ou, mais ainda, sinalizando a diferença entre, de um lado, as possibilidades léxicas no plano simbólico ou virtual e, do outro, a concretude efetiva de usos no plano discursivo.

São inúmeros os casos de *doublets* lexicais na língua, de natureza variada, fazendo da variação corradical um fenômeno de amplíssima extensão, perpassando vários subdomínios do léxico (PONCE DE LEÓN, 2010). Além dos pertencentes a esquemas sufixais (*descaração* ~ *descaramento*, *pegajoso* ~ *peguento*), há também os gerados via

prefixação (*antecessor* ~ *predecessor*, *desobediência* ~ *inobediência*), por oposição formal — mas equivalência semântica — entre formas com e sem prefixo (*assoprar* ~ *soprar*, *dependurar* ~ *pendurar*), ou mesmo por aplicação de diferentes esquemas morfolexicais, como na geração de verbos (parassíntese X mera verbalização: *embranquecer* ~ *branquear*, *amadurecer* ~ *maturar*).

A existência factual de todos esses exemplos, com diferença morfológica, mas com equivalência semântica, põe em xeque a validade plena do princípio do bloqueio, pelo menos como concebido em sua formulação mais geral. Na verdade, ainda que se tomem como base explanações teórico-analíticas mais minudenciadas sobre o fenômeno, o princípio não parece se sustentar completamente, ao ser confrontado com dados de língua. Assim, se Gonçalves, Yakovenco e Costa (1998), ao discutirem a criação de formas corradicais em *-eiro* para formas preexistentes em *-ista* (*sambista/sambeiro*, *novelista/noveleiro*), alegam que não há violação do princípio mencionado por haver certa diferença de conotação emotiva para as respectivas formas em *-eiro*, poderiam ser arrolados inúmeros outros casos em que sequer se notam diferenças semânticas dessa natureza, sendo absolutamente intercambiáveis, como as lexias reproduzidas anteriormente.

Com isso, não se quer defender aqui que a aplicação de operações morfolexicais para a criação vocabular não se subordine a pautas de contenção. Há, de fato, restrições diversas: i) fonológicas (**conredator*, **taxiizinho*); ii) morfológicas (**pensativamente*, **reantes*); iii) semânticas (**desreavaliar*, **alegrudo*); iv) lexicais (**infeio*, **criançologista*); v) morfossintáticas (**Aquele alegremente garota*; **Enriquecimentos propuseram impensável*); vi) e mesmo etimológicas (*lamber* > *lambão*, mas *digitar* > **digitão*).⁴⁸ Tais restrições, porém, pelo que aponta a língua, não se aplicam como num jogo de tudo-ou-nada, e sim sob uma escala gradiente de aceitabilidade/rejeição, mormente ao que diz respeito às pautas semânticas e lexicais. Assim, por exemplo, **infeio* parece menos provável de ser materializado que **ileal*; do mesmo modo, **lindante* e **persistitório* parecem ser menos prováveis de ocorrer que **usurante* e **usuratório*. Esse entendimento, que é respaldado pela observação dos dados empíricos, coaduna-se àquele exposto e preconizado por Soledade

⁴⁸ Para maior detalhamento sobre os diversos tipos de restrições que atuam na morfologia derivacional, cf. Rodrigues (2016) e Díaz Hormigo (2004-2005).

(2004) e Simões Neto (2018), com a percepção do bloqueio como uma restrição relativa, não absoluta.

Ao que parece, a geração das unidades do léxico (operada pelo falante, em sua mente, materializada no uso e na interação e, conseqüentemente, incrustada em dado contexto comunicativo-situacional), encontra-se imersa numa tensão entre forças centrífugas, de expansão – a criatividade lexical do falante, o potencial gerador do léxico e a analogia, por exemplo – e forças centrípetas, de contenção e controle – os bloqueios, quer lexicais, quer morfológicos, quer semânticos, quer de outra natureza, a tradicionalização morfológica⁴⁹ (RIO-TORTO; LOPES, 2019) etc. –. A difícil questão a ser deslindada, portanto, seria a determinação da justa medida da potência e do alcance de dois feixes de forças em permanente tensionamento no léxico de uma língua: de um lado, as forças de geração de novas palavras; do outro, as forças de contenção de tais criações.

Sabendo que as forças de bloqueio serviriam para uma economia cognitiva e de expressão, a questão que permanece é a seguinte: por que o falante se lança à criação de novos construtos morfolexicais (com igual MLB, mas com afixos diferentes) para a expressão de sentidos para os quais já existem vocábulos correspondentes em seu léxico mental e em uso em seu ambiente interacional? Em outras palavras: por que se dá ao trabalho de gerar uma ou mais palavras para expressão de um sentido já materializado em uma lexia preexistente, como no caso dos adjetivos em **usur-**, em que, em vez de se contentar com *usurário*, cria no mínimo outras sete (*usureiro*, *usurável*, *usuroso*, *usurento*, *usurador*, *zuraco* e *zura*) para denotar igual sentido, o de ‘avarento’?

Várias razões podem ser aventadas para se tentar explicar o fenômeno de emergência e coexistência de corradicais sinonímicos, quer levando em conta o fator diacrônico, quer se eximindo de suas interferências. Como perpassa este artigo a consideração dos efeitos histórico-diacrônicos na configuração da língua, é natural que sejam considerados numa análise do fenômeno da coocorrência de vocábulos corradicais convergentes no plano do significado.

No caso do conjunto dos nomes sufixados de base **usur-**, é crível pensar que a coexistência de quatro deles (*usurário*, *usurável*, *usuroso* e

⁴⁹ Fomentada pela escolarização, pela normatização gramatical ou pela frequência/vitalidade do uso, entre outros fatores.

usurento) num mesmo recorte temporal e numa mesma zona dialetal dá-se por influência de fatores intra e extralinguísticos, como (i) o sinmorfismo sufixal⁵⁰ (os sufixos empregados possuem flagrante contiguidade semântica, orbitando em volta de um sentido mais ou menos parafraseável por ‘aquele que tem X’, não raramente com um matiz semântico adicional de avaliação depreciativa); (ii) a vitalidade e frequência dos sufixos empregados (todos são produtivos e frequentes no léxico geral) ou mesmo a recorrência/antiguidade de seu intercâmbio em outras famílias lexicais;⁵¹ (iii) a interferência analógica (de uma forma muito recorrente e regular, cria-se outra, como pode ser conjecturado para a criação de *usuroso*, por influência de *ganancioso*; *usurento*, por influência de *avarento*); (iv) a criatividade lexical do falante e (v) uma menor influência de fatores que contribuiriam para uma aplicação rigorosa e imediata do travamento das inovações via tradicionalização morfológica, entre elas a escolarização, a urbanização e o acesso aos meios de comunicação em massa (todos esses pouco ou nada presentes na realidade social dos utentes da língua que produziram as formas em questão).

Seriam pelo menos esses cinco fatores os que atuariam como um conjunto de forças propulsoras da inovação lexical e da proliferação de formas equipolentes, comprometendo, por assim dizer, o potencial de interferência e de aplicação dos diversos bloqueios, das forças de contenção e controle da criatividade lexical e do potencial neológico da língua.

Se a coocorrência numa mesma área dialetal das quatro lexias nominais sufixadas em **usur-** é comprovada pela observação de dados empíricos, há de se dizer que também o é a diferença no peso e representatividade de cada uma delas. No APFB, dominam a cena as vozes *usurário* e *usurável*, enquanto as ocorrências e o espraiamento territorial para as outras duas lexias do grupo (*usuroso* e *usurento*) são bastante minguados, o que demonstra que embora *potencialmente* intercambiáveis, são de alguma forma dessemelhantes quanto a seu emprego na comunicação *efetiva*, ao menos quanto à frequência de sua materialização.

⁵⁰ Termo cunhado por Soledade (2004) e que nada mais é que a sinonímia entre afixos (nesse caso, entre formantes sufixais).

⁵¹ Vários sufixos em situação de sinmorfismo no português contemporâneo apresentam-se em flutuação desde o período arcaico da língua, como é comprovado por Soledade (2004).

Ao considerar o léxico comum brasileiro, os dados dialetais e a própria história da língua portuguesa, constata-se que de todas as sete formas nominais corradicais sufixadas da família lexical de *usura* que comprovadamente existiram em sua diacronia (*usurário*, *usureiro*, *usurável*, *usuroso*, *usurento*, *zuraco* e *usurador*), a única cujo uso hodierno é relativamente estendido no país é *usurário*, tendo as demais ou um emprego muito limitado (a certas áreas ou como formações *ad hoc*) ou mesmo já tendo sofrido um processo de arcaizamento (como parece ter ocorrido com *usureiro*, que não foi detectado em nenhum *corpus* dialetal para o português brasileiro). Esse processo de desuso de umas formas a favor do incremento na frequência de outra(s) certamente está ligado, no caso dessas variantes morfológicas da família lexical de *usura*, a uma questão de viés diafásico: a avaliação dos derivados *usureiro*, *usurável*, *usuroso*, *usurento*, *zuraco* e *usurador* como mais coloquiais e periféricos e a avaliação de *usurário* como mais formal e mais prototípico.

Desse panorama relativo aos corradicais nominais sufixados em **usur-**, chega-se a algumas conclusões: primeiro, que a flutuação/ intercâmbio entre formas pode não se traduzir numa verdadeira proporcionalidade equilibrada quanto ao seu emprego na fala real pelos utentes; segundo, que, não raramente, além de se encontrarem imersos num quadro de variação, também se encontram atingidos por efeitos de mudança linguística, com o alçamento (quantitativo ou qualitativo) de uma ou mais variantes sobre as demais;⁵² terceiro, que, embora possa ocorrer (e comumente ocorre) um processo de abandono de uma ou várias formas do conjunto de lexias em coocorrência, em geral as possibilidades de sua reativação permanecem latentes, não havendo travas absolutas que as impeçam de ressurgir em dado falante, em dado grupo linguístico ou em dada época da língua, inclusive influenciando a entrada inovadora de afixos anteriormente alheios à família lexical (como o caso de *-dor*, em *usurador*, cujo emprego parece ser muito recente); por fim, que a frequência de uso de uma variante (cf. RODRIGUES, 2016) e sua antiguidade podem ser fatores decisivos para o seu alçamento sobre as demais com as quais coocorre/concorre (como se deu com *usurário* frente às suas congêneres).

⁵² Não obstante, variantes morfolexicais podem permanecer em uso na língua por séculos a fio, sem despontar um quadro de mudança linguística e dissolução da coocorrência, como afirma Soledade (2012).

14 Considerações finais

A investigação da constituição e funcionamento de paradigmas léxico-morfológicos mostra-se como um campo propício para o entrelaçamento entre o labor etimológico, a Linguística Histórica e a Dialectologia, em franco diálogo com aspectos históricos, geográficos, culturais e sociais. Trata-se, portanto, de um objeto de estudo notadamente interfacial, que propicia uma apreciação holística e que flui entre a morfologia e o léxico, movendo-se sobre o eixo da semântica, do significado, da significação.

Não obstante a patente relevância da perquirição das famílias lexicais, não obstante haver vários estudos sobre campos lexicais e campos semânticos para o português, são raras as pesquisas e publicações voltadas ao rastreamento e descrição de famílias de palavras nessa língua (sobretudo diacronicamente), o que constitui uma considerável lacuna na produção científica atinente às ciências do léxico e à morfologia lexical vernaculares.

Visando a oferecer algum contributo ao tema em tela, apresentou-se, neste artigo, de modo sumário, um conjunto de informações, análises e achegas concernentes à família léxica de *usura*, um paradigma morfolexical bem restrito e bem pouco expressivo quanto ao número de elementos constituintes, mas dotado de indiscutível valor pela antiguidade de sua manifestação (no latim e no vernáculo), pelo seu espraiamento panromânico (não raras vezes processado mediante empréstimos) e pelo vigoroso sinmorfismo sufixal detectável em várias de suas formas nominais. Em outras palavras, uma família lexical quantitativamente modesta, mas qualitativamente relevante.

De uma observação de dados dialetais da área que compreende os denominados *falares baianos*, chegou-se à atestação da coexistência de formas corradicais sinonímicas portadoras de diferentes sufixos e à detecção dos demais constituintes do paradigma lexical de *usura*, no português (tal como exposto neste artigo) e em várias outras línguas românicas e no inglês (que, como dito, ficaram para outra publicação). Concomitantemente ao delineamento da evolução formal dos vocábulos de tal família léxica, houve a apreciação da evolução semântica dessas mesmas formas, atentando-se também para as interinfluências ocorridas no interior desse paradigma morfolexical e, inclusive, para as relações processadas com outros (como o de *usurpar*, por exemplo). Assim,

constatou-se na prática quão importantes são os dados extraídos de atlas linguísticos e de outros materiais de natureza dialetal para as investigações de morfologia lexical, lexicologia, lexicografia, semântica e etimologia.

O conjunto tipologicamente diversificado de materiais empíricos que subsidiaram a investigação, constituindo o seu *corpus* específico de análise, abarcando de atlas linguísticos a obras lexicográficas, de obras raras digitalizadas a registros de redes sociais, sem contar os inúmeros *corpora* textuais verificados, sinaliza a complexidade do trabalho histórico-diacrônico (e comparativo) atilado sobre famílias lexicais, com as suas inúmeras demandas e as exigências de uma rota metodológica cuidadosamente delineada, quanto aos dados empíricos, quanto às ferramentas de busca desses mesmos dados e quanto aos procedimentos para um tratamento eficiente e seguro destes.

A indicação (ou confirmação) das primeiras ocorrências detectáveis das formas constituintes do paradigma lexical de *usura* a partir de um vasto conjunto de fontes textuais, lexicográficas e digitais, bem como o traçado histórico do desenvolvimento semântico desses vocábulos (quase sempre conectado a fluxos de metonimização, generalização e analogia), constituem os contributos principais da investigação realizada, sintetizada nestas laudas. Espera-se, sem maiores pretensões, que as achegas metodológicas e os resultados obtidos sirvam em algo para o surgimento de novos estudos sobre outras famílias lexicais do português e das demais línguas românicas, mormente sob um viés histórico-diacrônico.

Agradecimentos

Os autores deste artigo são gratos aos pareceristas anônimos pelas observações e sugestões apontadas, que contribuíram efetivamente para o aperfeiçoamento do texto em sua versão final para publicação. Agradecem também à Profa. Silvana Ribeiro (UFBA) por ter proposto o trabalho de análise das cartas ‘avarento’ do APFB, que serviu de inspiração à pesquisa apresentada neste artigo, e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) pelo subsídio vigente através de bolsa de iniciação científica.

Contribuição dos autores

O artigo é fruto do trabalho conjunto de seus dois autores, em todas as fases de elaboração e revisão do texto. Matheus Pinto foi especialmente responsável pelo levantamento de *corpora*, pelo rastreamento das formas da família lexical de *usura* em português e em todas as demais línguas selecionadas, pela varredura e tratamento dos dados para a comparação interlinguística, pela redação dos resumos, da Introdução, da seção de metodologia e pelas seções referentes às análises etimológicas e morfossemânticas das lexias estudadas, assim como pela elaboração dos quadros e recolha das figuras. Por sua vez, Mailson Lopes foi especialmente responsável pela segmentação das seções do artigo, pela revisão completa da análise dos dados, pela proposição de aspectos concernentes à evolução semântica dos derivados, pelo rastreamento das lexias em cerca de 30 atlas linguísticos brasileiros e em outros estudos dialetais, pela elaboração da seção de análise dos corradicais sinonímicos e pela redação das Considerações finais. A versão final do artigo, revisada à luz dos comentários dos pareceristas anônimos, resultou igualmente de um trabalho realizado de modo conjunto pelos dois autores.

Referências

ABREU, K. Focalizando a morfologia improdutiva: um estudo sobre siglas. *SIGNUM*, Londrina, n. 9, v. 2, p. 9-26, 2006. DOI: <https://doi.org/10.5433/2237-4876.2006v9n2p9>. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/3478>. Acesso em: 21 ago. 2020.

ÁLVAREZ, R. (org.). *Tesouro do léxico patrimonial galego e português*. Santiago de Compostela: Instituto da Lingua Galega, 2014-2020. Disponível em: <http://ilg.usc.es/Tesouro>. Acesso em: 21 ago. 2020.

ARAGÃO, M. S. S. Sinônimos e parassinônimos em capitais do Nordeste Brasileiro: dados do ALiB. *Acta Semiótica et Linguística*, João Pessoa, v. 19, n. 1, p. 7-20, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/actas/article/view/23372>. Acesso em: 19 jul. 2020.

ARAGÃO, M. S. S.; MENEZES, C. P. B. *Atlas Linguístico da Paraíba*. Brasília: UFPB; CNPq, Coordenação Editorial, 1984. v. 1-2.

ARONOFF, M. *Word Formation in Generative Grammar*. Cambridge, MA; London: MIT, 1976.

ARONOFF, M.; ANSHEN, F. Morphology and the Lexicon: Lexicalization and Productivity. In: SPENCER, A.; ZWICKY, A. (ed.). *The Handbook of Morphology*. Oxford: Blackwell, 1998. p. 236-247.

BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.

BASILIO, M. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

BASSETTO, B. F. *Elementos de Filologia Românica: história externa das línguas românicas*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005. v. 1

CAMBRAIA, C. N. *Dulceça, dulçor, dulçura e dulcidom: um estudo de caso de variantes derivacionais no português medieval*. *Estudos de Lingüística Galega*, Santiago de Compostela, n. 2, p. 37-56, 2010. DOI: <https://doi.org/10.3309/1989-578X-10-2>. Disponível em: <https://revistas.usc.gal/index.php/elg/article/view/1507>. Acesso em: 8 jul. 2020.

CARDOSO, S. A. M.; FERREIRA, C. S. *O léxico rural*. Glossário. Comentários. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2000.

CAVALCANTE, R. *Dicionário de cearensês: a cultura do povo cearense*. 3. ed. Fortaleza: Edição do Autor, 2012.

CENTRE NATIONAL DE RESSOURCES TEXTUELLES ET LEXICALES. Disponível em: <https://www.cnrtl.fr>. Acesso em: 18 ago. 2020.

CLACKSON, J.; HORROCKS, G. *The Blackwell History of the Latin Language*. Malden: Blackwell Publishing, 2007.

COLLINS ENGLISH DICTIONARY. Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/dictionary/english>. Acesso em: 21 ago. 2020.

CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DAVIES, M. *O corpus do português*. [S.l]: [S.n], 2006-2018. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

DÍAZ HORMIGO, M. T. Restricciones del sistema y restricciones de la norma en la formación de palabras. *Linred: Lingüística en la Red*, Madrid, n. 2, p. 1-26, 2004-2005. Disponível em: <https://ebuah.uah.es/dspace/handle/10017/24638>. Acesso em: 2 ago. 2020.

DICIONÁRIO DE LATIM-PORTUGUÊS PORTUGUÊS-LATIM. Porto: Porto Editora, 2014.

DICIONÁRIO ONLINE CALDAS AULETE. [S.l.]: Lexikon Editora Digital. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA [on-line]. [S.l.]: [S.n.], 2008-2020. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

DIZIONARIO ITALIANO DE MAURO: Vocabolario online della lingua italiana. Disponível em: <https://dizionario.internazionale.it/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

DMF – Dictionnaire du Moyen Français, version 2015 (DMF 2015). Lorraine: ATILF/CNRS; Université de Lorraine. Disponível em: <http://www.atilf.fr/dmf>. Acesso em: 21 ago. 2020.

DU CANGE, C. F. *et al.* *Glossarium mediae et infimae latinitatis*. Niort: L. Favre, 1883-1887.

DUBOIS, J. *et al.* *Dicionário de linguística*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2014.

FERREIRA, A. B. H.; FERREIRA, M. B.; SILVEIRA, A. M. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FERREIRA, C. *et al.* *Atlas Linguístico de Sergipe*. Salvador: UFBA – Instituto de Letras; Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

FITER, J. *Enciclopedia moderna catalana*. Barcelona: Joseph Gallach, 1913. v. 5.

GODEFROY, F. *Complément du dictionnaire de l'ancienne langue française et de tous ses dialectes du XIe au XVe siècle*. [S.l.]: [S.n.], 1895-1902. Disponível em: <http://micmap.org/dicfro/introduction/complement-godefroy>. Acesso em: 18 ago. 2020.

GODEFROY, F. *Dictionnaire de l'ancienne langue française et de tous ses dialectes du IXe au XVe siècle*. [S.l]: [S.n], 1880-1895. Disponível em: <http://micmap.org/dicfro/introduction/dictionnaire-godefroy>. Acesso em: 18 ago. 2020.

GONÇALVES, C. A. *Atuais tendências em formação de palavras*. São Paulo: Contexto, 2016.

GONÇALVES, C. A. V.; YAKOVENCO, L. C.; COSTA, R. G. R. Condições de produtividade e condições de produção: uma análise das formas X-eiro no português do Brasil. *Alfa*, São Paulo, v. 42, p. 33-61, 1998.

GOOGLE LIVROS. Disponível em: <https://books.google.com.br/>. Acesso em: 31 jul. 2020.

HARRISON, S. (ed.). *A Companion to Latin Literature*. Malden: Blackwell Publishing, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1002/9780470996683>

HASPELMATH, M. *Understanding Morphology*. London: Arnold, 2002.

HASPELMATH, M.; SIMS, A. *Understanding Morphology*. 2. ed. London: Hodder Education, 2010.

HERNÁNDEZ AROCHA, H. ¿Son las familias de palabras un subproducto de la morfología o es la morfología un subproducto de las familias de palabras? *Revista de Filología*, San Cristóbal de La Laguna, n. 40, p. 69-103, 2020. DOI: <https://doi.org/10.25145/j.refiull.2020.40.05>. Disponível em: <https://www.ull.es/revistas/index.php/filologia/article/view/992>. Acesso em: 28 dez. 2020.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ILARI, R. *Linguística românica*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

INFOPÉDIA – *Dicionários Porto Editora*. Porto: Porto Editora, 2003-2020. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

INSTITUT D'ESTUDIS CATALANS. Disponível em: <https://www.iec.cat/activitats/entrada.asp>. Acesso em: 21 ago. 2020.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, São Paulo, v. 16, 1914.

JESPERSEN, O. *Language: Its Nature, Development and Origin*. Londres: George Allen & Unwin, 1954.

LE GOFF, J. *A bolsa e a vida: economia e religião na Idade Média*. Tradução de Rogério Silveira Muio. São Paulo: Brasiliense, 2004.

LE TRESOR DE LA LANGUE FRANÇAISE INFORMATISE. Disponível em: <https://www.le-tresor-de-la-langue.fr/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

LEWIS, C. T.; SHORT, C. *A Latin Dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1879. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.04.0059>. Acesso em: 21 ago. 2020.

MACHADO FILHO, A. V. L. *Novo dicionário do português arcaico ou medieval*. [S.l.]: Independent Edition, 2019.

MATTOS E SILVA, R. V. *Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola, 2008.

MORERA, M. Familia de palabras vs. campo semántico. Los casos particulares de las familias *punt-*, *punz-* y *pinch-*. *Revista de lexicografía*, A Coruña, n. 8, p. 149-222, 2002. DOI: <https://doi.org/10.17979/rlex.2002.8.0.5588>

NASCENTES, A. Divisão dialectológica do território brasileiro. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 213-219, 1955.

NYROP, K. *Grammaire historique de la langue française*. Copenhague: Imprimerie Nielsen & Lydiche, 1903. Tome 2ème

OLIVEIRA, A. J. *Dicionário Gaúcho: termos, expressões, adágios, ditados e outras barbaridades*. 3. ed. Porto Alegre: Age, 2002.

PENA, J.; CAMPOS SOUTO, M. Propuesta metodológica para el establecimiento de familias léxicas en una consideración histórica: el caso de *hacer*. *Cuadernos del Instituto Historia de la Lengua*, San Millán de la Cogolla, n. 2, p. 21-51, 2009. Disponível em: https://www.cilengua.es/sites/cilengua.es/files/page/docs/02_propuesta_metodologica_para_el_establecimiento_de_familias_lexicas_en_una_consideracion_historica_el_caso_de_hacer.pdf. Acesso em: 10 jul. 2020.

PESQUISA avançada do Google. Disponível em: https://www.google.com/advanced_search. Acesso em: 21 ago. 2020.

PLANK, F. *Morphologische (Ir-)Regularitäten: Aspekte der Wortstrukturtheorie*. Tübingen: Günter Narr, 1981.

PLAUTO. *O Truculento*. Tradução do latim, introdução e notas de Adriano Milho Cordeiro. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2010. DOI: <https://doi.org/10.14195/978-989-8281-63-0>

PONCE DE LEÓN, R. F. Z. de. Esquemas rivales en la formación de palabras en español. *ONOMÁZEIN*, Santiago de Chile, n. 22, p. 59-82, 2010. Disponível em: http://onomazein.letras.uc.cl/Articulos/22/3_Zacarias.pdf. Acesso em: 5 ago. 2020.

RAINER, F. Towards a Theory of Blocking. In: BOOIJ, G.; VAN MARLE, J. (ed.). *Yearbook of Morphology*. Dordrecht: Foris, 1988. p. 155-185.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA (RAE); ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA (AALE). *Nueva gramática de la lengua española – NGLA*. Madrid: Espasa, 2009. v. 1

RIO-TORTO, G. et al. (org.). *Gramática derivacional do português*. 2. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016. Disponível em: https://digitalis.uc.pt/pt-pt/livro/gram%C3%A1tica_derivacional_do_portugu%C3%AAs_0. Acesso em: 26 dez. 2020.

RIO-TORTO, G. M.; LOPES, M. Fluctuación prefijal en el gallego-portugués y en el castellano medievales. *Estudos de Lingüística Galega*, Santiago de Compostela, v. 11, p. 103-136, 2019. DOI: <https://doi.org/10.15304/elg.11.5105>. Disponível em: <https://revistas.usc.gal/index.php/elg/article/view/5105>. Acesso em: 6 ago. 2020.

ROCHA, L. C. da S. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

RODRIGUES, A. S. Noções basilares sobre a morfologia e o léxico. In: RIO-TORTO, G. et al. (org.). *Gramática derivacional do português*. 2. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016. p. 35-133. DOI: https://doi.org/10.14195/978-989-26-0864-8_1. Disponível em: https://digitalis.uc.pt/pt-pt/livro/gram%C3%A1tica_derivacional_do_portugu%C3%AAs_0. Acesso em: 6 ago. 2020.

ROELLI, P. (org.). *Corpus corporum*. Repositorium operum Latinorum apud universitatem Turicensem. Zürich: Universität Zürich, 2016. Disponível em: <http://www.mlat.uzh.ch/MLS/index.php?lang=0>. Acesso em: 15 jul. 2020.

ROSSI, N. *et al.* *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: MEC; INL, 1963.

SÁNCHEZ MARTÍN, F. J. *Estudio del léxico de la geometría aplicada a la técnica en el Renacimiento hispano*. 2008. 484f. Tese (Doctorado en Filología Hispánica) – Facultad de Filología, Universidad de Salamanca, Salamanca, 2008. Disponível em: <https://gredos.usal.es/handle/10366/22435>. Acesso em: 26 dez. 2020.

SILVA, A. M. *Diccionario da Lingua Portuguesa*. Tomo Segundo. Lisboa: Lacerdina, 1813.

SIMÕES NETO, N. A. *O esquema X-ari- do latim às línguas românicas: um estudo comparativo, cognitivo e construcional*. 2020. 5v. 4297f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

SIMÕES NETO, N. A. Variação morfológica: aproximações entre dialetologia e diacronia. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 7, n. 1, p. 39-54, 2018. Disponível em: <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MigREN/article/view/1552>. Acesso em: 4 ago. 2020.

SIMÕES NETO, N. A.; SOLEDADE, J. Túnel morfológico: polissemia, alomorfia, sinmorfismo e doublets no português arcaico e no português brasileiro. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 47, p. 105-126, 2013. DOI: <https://doi.org/10.9771/2176-4794ell.v1i47.14456>. Disponível em: <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MigREN/article/view/1552>. Acesso em: 20 dez. 2020.

SOLEDADE, J. O *sinmorfismo* e os *doublets* no português arcaico. In: MATTOS E SILVA, R. V.; OLIVEIRA, K.; AMARANTE, J. (org.). *Várias navegações: português arcaico, português brasileiro, cultura escrita no Brasil, outros estudos*. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 45-65.

SOLEDADE, J. *Semântica morfolexical: contribuições para a descrição do paradigma sufixal do português arcaico*. 2004. 2v. 575f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) — Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

THE PACKARD HUMANITIES INSTITUTE. Disponível em: <https://latin.packhum.org/index>. Acesso em: 31 jul. 2020.

TWITTER. Disponível em: <https://twitter.com/>. Acesso em: 31 jul. 2020.

VAAN, M. *Etymological Dictionary of Latin and the other Italic Languages*. Leiden; Boston: Brill, 2008.

VÄÄNÄNEN, V. *Introducción al latín vulgar*. Tradução de Manuel Carrión. Madrid: Gredos, 1968.

VIARO, M. E. A formação do significado agentivo de -eiro. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ALFAL, XVI., 2011. Alcalá de Henares. *Actas [...]*. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2011a. p. 2671-2679.

VIARO, M. E. *A derivação sufixal do português: elementos para uma investigação semântico-histórica*. 2011. 220f. Tese (Livre-docência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011b.

VIARO, M. E. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2014.

VIARO, M. E. *Manual de etimologia do português*. 2. ed. São Paulo: Globo Livros, 2013.

VIARO, M. E. Proposta de um método de análise para derivações sufixais. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 3, n. 2, p. 140-165, 2009b. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11511>. Acesso em: 31 jul. 2020.

VIARO, M. E. Uma nova metodologia para dados etimológicos e diacrônicos: o problema da datação dos fenômenos. In: TORRES MORAIS, M. A. C. R.; ANDRADE, M. L. C. V. de O. (org.). *História do português paulista*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009a. p. 445-463.

WRIGHT, T. *Anglo-Saxon and Old English vocabularies*. Editado por Richard Paul Wülcker. Londres: Trübner, 1884.

WURFEL, D. *Usurador do pavo real* (e-book). [S.l.]: [S.n.], 2020.

XAVIER, M. F. (org.). *Corpus Informatizado do Português Medieval – CIPM*. Disponível em: <https://cipm.fcsh.unl.pt/>. Acesso em: 21 ago. 2020.